

A PAIXÃO PODERIA SALVÁ-LOS?

O REI ÁGUIA

Irmãos Balden

JOSIANE VEIGA



O Rei Águia



Irmãos Balden

Livro 1

É proibida a distribuição total ou parcial dessa obra sem a prévia autorização da autora.

Todos os direitos pertencem a Josiane Biancon da Veiga

ISBN: 9781980300854

Sinopse

Numa terra desolada o Rei-Águia emergiu.

Erick Balden nasceu para governar seu povo.

Cresceu sobre o jugo e o peso da responsabilidade de conquistar e manter o reino que recebeu de seu pai.

Contudo, havia um canto na terra que os Águia desejavam mais que tudo: um lugar afortunado, com água límpida e campos floridos. Todavia, para ter o lugar havia um preço. Desposar a mais feia das mulheres.

Numa terra paradisíaca, a bruxa sofreu.

Evelyn cresceu sobre a desconfiança de ser uma bastarda. O pai, senhor de Nunemesse, nunca a considerou filha e muito a maltratou. Anos e anos de tortura tornaram-na amarga e quase decrépita.

O amor parecia muito longe de sua vida.

Mas, o acaso fez com que um guerreiro poderoso surgisse para desposá-la. Era o preço que ele tinha que pagar para tomar Nunemesse para si.

Aquele preço parecia caro demais.

Sumário

Dedicatória:

Nota da Autora:

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Epílogo

DEMAIS LIVROS DA AUTORA

Dedicatória:

Não há como eu escrever um livro e não dedicá-lo a quem faz a minha vida literária valer a pena: A todos vocês, meus amados leitores.

Nota da Autora:

Lembro-me de dizer a mim mesma, alguns anos atrás, para parar. Era mais de uma década dedicada a literatura sem retorno algum. Não falo do financeiro, falo do retorno afetivo. Era como escrever para paredes, não sabia se alguém me lia, não sabia se alguém se importava com o que eu tinha a narrar, não sabia se deixaria meu legado.

Mas, eu não parei... Com Esmeralda, enfim, atingi um público que se mostrou fiel. E eu a eles. Esse livro, o 33º livro lançado na minha carreira, é uma prova disso. Não quero, não aceito, passar um mês de minha vida sem estar presente na vida de vocês.

Talvez seja uma daquelas relações obsessivas. Perdoem-me por isso. Mas, existe em mim uma vontade absurda de estar sendo lida.

Alguns não estão acompanhando o ritmo. Não há problema. Leiam conforme consigam. Mas, por favor, não me abandonem, rs. Aos que estão conseguindo, aí está mais uma obra seguindo o padrão que eu já expliquei em outros livros.

Não vou enrolar. A história que eu tiver que narrar, será narrada. Também não vou amenizar. Se doer, vai doer. Se ofender, vai ofender. Literatura não devia ter amarras. Devia ser exposta sem muitos artifícios.

E é assim que eu exponho a protagonista, Evelyn. Talvez alguns se choquem. Normalmente protagonistas são belas e perfeitas. Ela é suja e triste. Até mesmo usei uma imagem do *pixbay* para ilustrar como eu a via no começo do livro. Abaixo um exemplo:



Normalmente **dor** não é algo agradável de se ler. Muitos procuram o hot e o amor simples. Mas, como autora, estou me permitindo muitas coisas. Em 2018 já lancei até terror (Já leu? Se não procure [UM HOMEM NA ESCURIDÃO](#)), assim, porque não me permitir falar da dor?

Minha pretensão é que esse seja o primeiro de uma trilogia. Caso o primeiro seja aceito, iremos para o livro de Samantha, e finalizando, para o de Brandon, os dois irmãos de Erick. Mas, caso não gostem, não forcerei a barra. Tenho muitas histórias para contar e posso narrar outras.

Minha maior intenção é ser para vocês o tão grata possível, por tudo que fizeram por mim nos últimos anos. E isso quero demonstrar através de histórias que possam trazer esperança.

Tudo é subjetivo. A beleza. O medo. A dor. Às vezes precisamos de alguém para nos ajudar a sair das nossas correntes mentais. Às vezes, nós mesmos somos o próprio impulso.

Fiquem então com uma história nesse estilo. Torço muito para que gostem. E, se possível, avaliem na Amazon. Esse retorno é de um valor imensurável para mim.

Josiane Biancon da Veiga,
Fevereiro, 2018.

O Rei-Águia



Atrás das enormes montanhas do sul, num lugar onde o sol parecia arder como se lá estivesse, a vida era árdua e complicada.

O calor matava as colheitas, a água era escassa, e havia uma frequente onda de pessimismo nos olhares de cada um.

Talvez por ser de tamanha dificuldade, que o único povo remanescente naquele lugar era chamado de “Os Águias”.

Não era um elogio, apesar da beleza de tais aves.

Assim como as aves de rapina, aquele povo de costumes simplórios e modos brutos eram do tipo que comia o que aparecia. E não havia muito que escolher num lugar tão terrível.

O lugar se chamava Hilde. Aos demais cantos do reino, muito se falava sobre ali. Quem viveria em tamanho horror? Só bárbaros, com certeza.

O povo era atacado com frequência (o porquê, era um mistério. Quem desejaria terra tão desoladora?), e com frequência, se defendia. Os Águias descobriram cedo que matar seus inimigos lhes poupava a vida. Mas, a vida em si era também uma fagulha muito frágil.

Obviamente, as consequências eram irreversíveis. Um dos fatos sobre o povo de Hilde era de que viviam pouco. Ter mais de cinquenta anos lhe daria o status de ancião. E foi ancião que o líder do grupo agora agonizava em seu leito de morte.

Ao seu lado, estavam os três filhos. Erick, o mais velho, assumiria seu posto assim que ele desse seu suspiro final. Samantha, a filha do meio, um tanto sacerdotisa, um tanto princesa, um tanto irascível, o encarava com um olhar de despedida que dizia mais que qualquer palavra. Por fim, aos pés da cama, Brandon, o caçula, tentava segurar as lágrimas enquanto o pai gemia.

Os três já estavam em suas vinte e poucas primaveras, mas pareciam crianças inseguras diante do destino.

— Escute-me, Erick — segurou a mão do mais velho, tentando lhe dar suas últimas palavras. — Você sempre foi um bom filho, e será um bom líder. Mas, não há muita esperança nessa terra desértica. Precisa levar o povo até um lugar onde possam viver com dignidade.

— Como, meu pai?

— Faça o que eu não tive coragem, filho. Lute. Conquiste. Domine. Use a força bruta, se precisar. Mas, não apodreça aqui, como eu.

Tossiu. Gotículas de sangue escaparam de sua boca. Logo sua cabeça pendeu para o lado. Era o fim de uma era.



A vida ali era difícil. Sim, vocês já sabem, e eu já escrevi isso algumas vezes nesse curto espaço de linhas. Mesmo assim, é necessário repetir: era difícil. Entretanto, também era especial. Erick lembrava-se de pequeno deslizar pelas montanhas de areia com Brandon e gargalhar enquanto Samantha rezingava de sujar-se com a poeira.

Ele amava os irmãos. A reclamona Samantha e o sempre de bem com a vida Brandon. A mais velha era sua conselheira fiel, o mais novo, seu companheiro para qualquer coisa.

A diferença de idade era pequena. Um ano, de um para o outro. As três gravidezes seguidas levou a vida da mãe quando Brandon nasceu, mas o pai, Denzel, conseguiu educar as crianças com extrema coragem.

Não que fora fácil. Especialmente com a filha.

Erick lembrava-se vividamente da primeira vez que ela sangrou. Estavam brincando de pique-esconde, quando ela sumiu. Após muita procura, a encontrou sentada num canto, o sangue a escorrer pelas pernas, lágrimas nos olhos, e a certeza de que as coisas não mais seriam fáceis para ela.

Tão logo isso ocorreu, começaram as tentativas de casar Samantha. Disso, Erick também se lembrava com nitidez. Era de praxe que uma jovem, tão logo se tornasse mulher, fosse dada a algum homem que se dispunha a sustê-la.

Cada tentativa de noivado era seguido pelo desespero da irmã. Foi quando Brandon e ele resolveram recorrer à velha tática de espantar os homens.

Com o tempo, as ameaças veladas passaram a serem seguidas pela coragem e indisciplina da irmã. Nenhum homem desejaria ter uma esposa tão desgraçadamente terrível dentro de sua casa e, por fim, Samantha já chegava passava das duas décadas de vida sem um casamento.

Era quase um recorde, naquele povoado.

Um recorde negativo, diga-se de passagem. Contudo, seus dons naturais para a cura acalmaram a maledicência dos comentários.

Naquele ínterim, enquanto ela estudava plantas e tentava curar as inúmeras doenças que ocorriam pela falta de água, e enquanto Brandon começava a apreciar a beleza e a docilidade das demais mulheres do feudo, Erick começou a se preparar para assumir o posto do pai.

Ter cinquenta anos já era um marco. Denzel sabia que seu fim estava próximo. Passou ao filho todas as táticas e todas as regras que deviam ser cumpridas. Deu-lhe a mesma educação que recebeu do próprio genitor. E então, partiu.

Denzel foi queimado diante de toda a aldeia. Não costumavam enterrar seus mortos, pois com o vento, a areia frequentemente desenterrava os cadáveres que viravam comida dos urubus.

Então, por respeito, erguiam o corpo envolto em mortalhas sobre um montante de madeira, e colocavam fogo. Ficavam lá, sentindo as lágrimas a escorrer pelo rosto e o cheiro da carne queimando, até que só restassem cinzas.

Aos poucos, o resto do povo ia deixando o lugar, mas os três irmãos ficaram no mesmo lugar, como se perdidos no tempo.

— Agora é com você, meu irmão.

A voz de Samantha chegou a Erick, que se arrepiou com a mensagem.

Olhou adiante. Hilde parecia um lugar derrotado, entregue ao acaso dos deuses.

— Olho adiante e só vejo infortúnio e tristeza — murmurou a ela. Sentiu a mão de Brandon em seu ombro, como se compreendesse a sua dor. — O que eu farei?

— O que nosso pai ordenou.

— Dizem muito sobre nós — contrapôs. — Dizem que somos bárbaros, que devoramos bebês, estupramos mulheres e escalpamos homens. Mas, a verdade é que nosso povo nunca fez mal a ninguém. Não é mal tirar de alguém sua própria terra?

Houve silêncio.

— Os Deuses a escutam, não é minha irmã? — Erick indagou, um tempo depois.

— Sim, eles sempre me dão seus ouvidos quando lhes peço pela cura ou pelo fim de uma agonia.

— Peça a eles por uma solução sem derramamento de sangue. Pode fazer isso por mim?

Ela assentiu.

— Sim, Erick. Agora você é o Rei dos Águias. Os Deuses olharão com atenção um pedido vindo de sua parte.

Naquela noite sem estrelas, uma fagulha no espaço brilhou. Os pedidos de Samantha sempre eram atendidos.

A B R U X A



O senhor de Nunemesse era um homem difícil de lidar. Amis Ermo havia herdado o feudo de uma linhagem que remetia ao início dos tempos.

E aquele lugar, francamente, parecia um paraíso. Era verdejante, com pomares e rios límpidos, tempo agradável, onde de manhã um leve frio caía em forma de orvalho sobre a terra, e à tarde o sol aquecia as almas.

Havia fartura e fortuna em cada canto daquele ambiente. E, mesmo assim, havia infelicidade extrema em Amis.

Ele sempre foi um homem de muitas mulheres. Casou-se cedo com Meire, de uma casa tão afortunada quanto a sua.

A jovem Meire era lindíssima, olhos castanhos, cabelos negros e a pele alva. Ele a amou tanto que pensou que jamais teria outra mulher.

Todavia, Meire não lhe dava filhos. A fodia dia após dia, até quando ela estava sangrando, mas a mulher não pegava barriga. Aos poucos, havia comentários, e logo sua masculinidade era posta à prova.

Do amor, passou ao ódio. Por que não lhe dava um herdeiro?

No feudo, escolheu algumas mulheres. De idades diversas, de aparências diversas, e as colocou em casas preparadas para lhe receber. Ia vê-las sempre. E nenhuma delas concebeu.

Foi quando percebeu que o problema, provavelmente, não estava em Meire, e sim em si.

O ódio por sua incapacidade tinha que ter um alvo, e passou a destiná-lo à esposa. Mal conseguia ouvir sua voz. Tomava-a com brutalidade, mesmo sem

desejá-la. Queria que ela sofresse e chorasse porque ele era infeliz.

E a vida teria seguido assim, não tivesse sido chamado para acompanhar o administrador em uma viagem para compra de sementes em uma terra distante.

Quando voltou, sete meses depois, encontrou a esposa com uma enorme barriga.

Descobriu, ali, que além de infértil era corno.



Assumir que a esposa lhe traiu nem sequer passou por sua cabeça. O povo já dizia que ele não concebia, que nenhuma das mulheres pegava barriga. O que fariam de si caso soubessem que fora traído? Além disso, havia tempo combatível para a criança ser dita seu filho, apesar de ele saber que não era.

Durante o dia, sorria as pessoas, dizendo que logo teria um herdeiro. À noite, sufocava a esposa, apertando sua garganta, exigindo dela o nome do pai do bastardo.

Mas, ela lhe negava aquela informação.

Jurava que a criança era sua. Morreu proclamando aquilo.

Aliás, essa foi sua última frase, envolta em sangue, durante o parto.

Ele encarou-a, deu-lhe seu último ar de desprezo e volveu-se à pequena menina que se remexia entre panos rubros pelo líquido gosmento.

Odiou-a.

Quis matá-la. Uma bastarda, filha de outro homem. Quase esmagou sua cabeça entre as mãos nervosas, quando percebeu que uma vingança vagarosa era muito melhor que uma vingança repentina.

— Como devo chamar a menina, meu senhor? — indagou a doula.

— Dei-lhe o nome que quiser — pôs a menina sobre a cama onde a mãe jazia e saiu.

A parteira batizou-a por Evelyn, porque era doce e simbolizava amor.

— Eu sei que ele vai te odiar e você sofrerá muito. Mas, seu nome é uma tentativa de chamar um bom destino para você — a mulher murmurou em seus pequenos ouvidos. — Eu espero que consiga ser feliz.

Ela não foi.



Ninguém podia falar com ela, sobre pena de morte.

Do nascimento até os três anos, foi criada por uma silenciosa mulher que vinha lhe dar os peitos. Nenhum carinho, nenhum toque. Apenas, o seio e o medo esbanjado no olhar.

Depois, foi trancada no topo de uma torre, à portas fechadas, sem qualquer iluminação. Duas a três vezes por dia alguém vinha lhe dar comida e água.

Poderia ser uma história de princesa, mas não há beleza nessa narrativa.

O lugar fedia muito. Era um cubículo onde todas as janelas foram cobertas por madeira. No inverno o frio corroía os ossos, e no verão, o calor era insuportável.

Não havia latrinas, então a menina aprendeu a defecar e urinar num canto. Não havia banho. Não havia vozes. Não havia luz.

Às vezes, uma réstia escapava por uma das lascas, e ela espiava para fora. Lá, um céu azul parecia machucar seus olhos acostumados à sombria solidão.

Também havia sons. Vozes. Mal as reconhecia, mas sentia algo tão bom ao ouvi-las que simplesmente encostava a cabeça na madeira e permitia-se um aconchego, como se estivesse recebendo um carinho de mãe.

Não que já tivesse recebido algo assim. Nunca houvera carinhos. Nem abraços. Só gritos. Gritos ela reconhecia.

O homem que chamava de pai aparecia às vezes. Batia nela até perder as forças. Se ela não comia, enfiava o alimento na sua garganta. Se ela o vomitava, fazia-a comer o próprio vômito.

Quando ele vinha, e seu cheiro estava insuportável demais, ordenava que lhe lavassem.

O que se sucedia então era alguns soldados entrando em seu pequeno quarto e despejando nela baldes de água gelada.

O tempo foi passando, nesse inferno sem volta. Às vezes eles a levavam para fora. Normalmente era para lavarem um pouco seu quarto. O cheiro costumava incomodar até os guardas.

Colocavam-na sentada num banco e ela apreciava aqueles breves momentos em que via o sol e o verde, sentindo uma felicidade absurda tomando conta de seu coração pelos segundos em que estava longe da prisão.

Ninguém podia falar com ela. Mas, seria mentira dizer que ela não tentou. Certa vez, levantou-se do banco, tentando ir em direção à uma senhora que lavava roupas ao longe.

O pai viu.

Chegou por trás e lhe chutou com tanta força nas pernas que lhe quebrou um dos joelhos. Virou manca, desde então.

Manca, suja, quase muda, com o corpo cobertos por moscas varejeiras e de cabelos desgrehados.

Demorou a sangrar, mas quando aconteceu, caminhou da prisão até o banco em que a levavam com o sangue escorrendo pelas pernas. As crianças viram e a chamaram de bruxa.

O pai riu.

Era o que ela era. A mais asquerosa das bruxas.

Logo, Amis percebeu que era mais divertido deixá-la solta, com as crianças a lhes atirar pedras e o povo a chamá-la de retardada.

Já jovem, Evelyn ia à torre apenas para dormir. De dia, passava caminhando de pés descalços pela mata, pela floresta, a receber raiva e repúdio. Às vezes, observava as belas senhoritas do feudo e se imaginava em um vestido bonito, limpa ou amada. Mas, tudo então se remetia a exclusão e ao idílico sonho de redenção por algum pecado que ela não sabia que cometera.

Aceitou o fardo, porque não sabia lutar, nem sabia que poderia lutar. E com seus passos mancos, começou a cruzar pela vida. Dez, quinze, vinte... vinte e três anos. Duas décadas de um sofrimento silencioso, escondido por trás de olhos que pareciam em conflito extremo.

Um sofrimento que parecia jamais ter fim.



Marris estendeu o ofício ao seu senhor. A venda das ovelhas de Nunemesse estava providenciada ao povo que vivia ao leste. Amis leu a carta e a assinou, logo após carimbá-la com seu selo.

— Ah, estou ficando velho — murmurou, enquanto devolvia a carta ao seu administrador. — Sabe o que isso me faz pensar, Marris?

O homem negou.

— Se eu morrer, tudo que tenho ficará para a puta bastarda. E se ficar para ela, logo o clero lhe arrumará um marido.

— Quase certo que aconteça isso, senhor — o homem concordou.

— E se o clero lhe arrumar um BOM marido, Marris? — Deixou claro o que o incomodava. — Já pensou, depois de tudo que passei, a bastarda ser feliz?

Houve um breve silêncio entre os homens.

— E se o senhor casá-la antes? — sugeriu.

— Que homem há de querer aquela bruxa feia e fedorenta?

— Dê Nunemesse ao novo marido. Retire-se para uma confortável casa e deixe o feudo como herança. Claro, escolha por si mesmo o pior pretendente que puder, alguém para continuar seu legado — aconselhou.

Não era uma má ideia. Pelo contrário, era o plano perfeito. Evelyn estava acostumada as suas agressões, cusparadas e chutes. E ele já estava velho, já não tinha tanta força para machucá-la. Um homem forte e vigoroso, que faria mais do que feri-la no corpo, mas que também a machucasse no leito, seria um deleite.

Sabê-la destroçada, não apenas como uma bastarda, uma escória, mas também como mulher... Isso sim era uma vingança completa!

— Onde acharia alguém assim?

— Divulgue a informação. Espere pelos pretendentes. Não diga o que procura, deixe que surjam, e escolha o pior.

Amis concordou.

— Se me permite, senhor, tenho mais uma sugestão.

— Sim?

— Soube que o povo de Hilde está com um novo líder. Um jovem recém-elevado ao cargo de líder. Mas, sabe o que dizem dos Águias, não é? São animais que comem com as mãos, que fodem as mulheres no meio da aldeia...

— Sim, já ouvi falar muito disso...

— Deixe que o convite chegue a eles, também. Um Águia seria de grande valia em sua vingança contra a senhorita.

Parecia mais um sábio conselho. E como tal, Amis o aceitou.

O CONVITE

Erick sentou-se na enorme cadeira de madeira que o pai costumava descansar, com o semblante denotando incógnita.

O homem à sua frente, um velho gordo e barbudo, cuspia enquanto falava. Samantha, sentada ao lado do irmão, parecia prestes a vomitar diante da visão espumada que saía do canto da boca do homem.

— Meu pai rejeitou sua oferta, Lorde Vardin — lembrou. — Por que eu a aceitaria?

— Soube que pretende levar o povo de Hilde até um lugar mais apropriado.

— É verdade — confirmou.

— E estou disposto a dar um belo dote pela sua irmã. Um dote que poderia fazer seu povo adquirir terras longe desse inferno. — Depois, apontou Samantha. — Sabe o quanto tenho afeição por ela.

— O senhor a procura desde que ela tinha doze anos.

— É verdade. Meus sentimentos nunca mudaram, mesmo agora que está velha.

— Velha?

Erick percebeu Brandon segurar uma risada no fundo da tenda.

— E, tem mais.

— Tem?

— Sou um homem de grande fortuna, e muito bom com as mulheres. Já tenho três esposas, e elas podem testemunhar a meu favor. Todas têm vários filhos. Posso fazer sua irmã ser útil. Ser mãe.

Erick abriu a boca para dizer-lhe que Samantha jamais estaria à venda, que ela não tinha preço, quando o som da voz da irmã lhe interrompeu.

— Agora fiquei interessada, senhor Vardin — seu sorriso era maquiavélico. — Imagino que o senhor tenha um bom instrumento para bebês no meio das pernas?

— Samantha! — Erick ralhou.

Inferno! De onde ela havia herdado aquela faceta terrível?

— Não quero me gabar, mas meu fazedor de bebês é grande e vigoroso.

Ela riu baixinho.

— Então me faça um favor, querido. Gire ele abaixo da própria bunda e o enfie no seu cu.

— Samantha! — a voz de Erick se ergueu mais alto.

Estava possesso, e a irmã sequer pareceu se incomodar. Ergueu a sobrancelha negra e curvilínea enquanto ouvia o senhor Vardin despejar um montante de insultos.

Logo, alguns soldados se aproximaram. Erick sentiu que as coisas poderiam sair do controle, e ergueu as mãos, acalmando-os.

Não queria uma guerra contra um feudo poderoso como o do senhor Vardin.

— Minha irmã não tem preço. E, mesmo se tivesse, duvido que o senhor pudesse pagar — apontou. — Peço que se retire.

— Isso não ficará assim.

— Ouse tecer ameaças e não sairá de Hilde vivo — decretou. E, sua postura logo fez o homem recuar. — Sou um homem paciente, ouvi seu desejo, mas o recuso. Minha irmã também. Simplesmente vá embora.

Vardin assentiu. Havia ódio em seu olhar, mas Erick soube que o assunto se encerrava ali.

Nem todos tinham coragem para encarar os Águias. Lembravam-se de que em tempos antigos, quando tentaram enfrentá-los, foram mortos por seus antepassados. A vida dura que levavam fê-los tornarem-se semelhante a rochas.

— Pare de rir, Brandon — ordenou, assim que o trio ficou a sós.

— Ainda busco entender de onde Samantha tira essas frases — disse, sôfrego.

— Eu sou muito inteligente — ela gargalhou, se auto elogiando.

— Isso não foi inteligente! — Erick voltou-se para ela, irritado. — Foi estúpido, vulgar e... Eu nem sei como classificar. Se fosse qualquer outra mulher teria levado uma surra de seu irmão.

— Como se você pudesse me bater! — Ela deu os ombros.

Erick era um homem forte, alto e muito viril. Samantha era frágil, apesar de sua personalidade denotar o contrário. Sim, ele poderia bater nela. Mas, a frase de efeito implicava em algo a mais. Erick, apesar da aparência bruta, era incapaz de bater numa mulher.

— O Conselho virá à tarde — contou aos irmãos. — Ouvi comentários de que estão tramando uma invasão a um feudo...

— Ouvi de um dos homens que foi até uma cidade vizinha de que há mais novidades além dessas — Brandon negou.

— Que novidades?

— Parece que o senhor de Nunemesse procura um esposo para a filha, e pretende deixar todo o feudo para o noivo.

Erick riu. A intenção de Brandon era evidente pelo tom da voz.

— Como se algum pai no mundo fosse permitir o casamento de uma filha com um homem do nosso clã.

— Disseram na aldeia que ele abriu a vaga para qualquer homem que quisesse se candidatar.

Erick ficou surpreso. Se conseguisse, seu povo estava salvo. Mas, era uma possibilidade muito remota para ser considerada.



— Temos homens treinados, material bélico e uma quantidade suficiente

de guerreiros para invadirmos...

— E a quantidade de vidas que pode se perder? — Erick interpôs.

O conselheiro que falava, Altamir, se silenciou alguns segundos.

— São pais, filhos e irmãos. São pessoas.— Erick insistiu.

— Nós iremos vencer — decretou.

— A custo de vidas. Nossas ou deles — negou. — Se invadirmos àquelas terras e a tomarmos daquelas pessoas, seremos exatamente o povo bárbaro que consideram. Mas, podemos negociar. Quem sabe pedir permissão em algum feudo e trabalhar...

— Ou você pode se casar com a filha do senhor de Nunemesse — Brandon voltou a sugerir.

Houve um breve silêncio na tenda. No círculo onde os homens discutiam os próximos passos a serem dados pelos Águias, olhares começaram a serem trocados.

— Do que fala? — Altamir indagou.

— O senhor de Nunemesse quer deixar seu legado a um novo senhor. Um homem que se case com a sua filha. — Erick respondeu, antecipando-se ao irmão fuxiqueiro. — Como se um senhor de posses pudesse considerar deixar todo o seu rico feudo a um Águia. Brandon ficou louco. — ironizou.

— O que custa tentar? — o mais novo deu os ombros. — Ouvi dizer que a atitude dele é movida pelo desespero. Parece que a filha é tão feia que dói os olhos. Mas, Erick também não é muito chegado às mulheres, então...

— Não pedirei desculpas por achar que um homem deve se guardar para sua esposa, assim como sua esposa deve se guardar para seu homem — ele avisou, fazendo Brandon dar os ombros.

— Mas, deve pensar melhor, meu irmão. Uma tentativa não custaria nada. E, se for escolhido, nosso povo terá uma terra próspera para cuidar sem precisar tomar nada de ninguém. Dividiremos o trabalho com os habitantes de Nunemesse.

Houve mais silêncio. As mãos de Erick formigaram. Por fim, ele pediu licença e saiu.



— O que decidiram na reunião? — Samantha indagou.

Ela estava em sua própria tenda, sentada diante de um espelho que refletia sua aparência bela e delicada. Erick sorriu.

— Não decidimos nada.

— Eu sabia — a mulher murmurou, sorrindo. — Homens gostam de sentar e planejar, mas quem põe a roda da vida para girar são as mulheres.

Erick a amava muito. Suas palavras nunca o ofenderam. Sempre se sentiu profundamente conectado a ela.

— Querem que eu tente desposar a filha do senhor de Nunemesse. — contou. — Uma jovem tão feia que o pai oferece o próprio feudo em troca de sua mão.

— Por um feudo rico, com certeza aparecerão muitos pretendentes, independente da aparência da mulher. — Suspirou. — E também tem o fato de que muitas vezes as pessoas veem a beleza por um padrão. O que a faz tão feia assim? Aposto que a jovem é apenas insegura.

— É o que penso.

— Assim, quer tentar?

— É uma má ideia?

— É uma escolha sua, meu irmão.

— Não sei se nasci para me casar.

Samantha pareceu surpresa.

— Por que diz isso?

— Não tenho muito jeito com as mulheres. Sou um tanto bruto. Não quero machucar, mas não sei ser delicado.

Ela sorriu.

— Só em dizer isso, já está sendo profundamente delicado.

— Há também o fato de que considero que o pai sequer irá nos receber.

— Porque somos de Hilde?

— Quer um motivo melhor?

— E quer desistir sem tentar?

Estranhamente, havia um medo absurdo em Erick. Não de não ser recebido ou de ser impelido a participar de uma frente de guerra contra algum povo. Seu medo era pela jovem mulher que parecia estar em seu destino.

Parecia sentir... Seria o escolhido!

E depois?

Iria amá-la? Desejá-la? Teriam uma família? Ou simplesmente se conformariam com o propósito de uma experiência sem sabor.

— Eu irei — contou a Samantha. — Arrume suas coisas. Organizarei uma frota para seguir conosco. Brandon também irá.

Samantha sorriu. Ela sempre teve o dom para o sacerdócio. Teriam os deuses lhe dito algo que ele desconhecia?

Teria que esperar para saber.



— Chegamos ao paraíso?

Erick sorriu diante da visão. Ao seu lado, o irmão menor não conseguia esconder o fascínio. Brandon pouco saíra de Hilde e, com certeza, jamais havia visto beleza tão idílica quanto à de Nunemesse.

Ao longe, as montanhas com seus altos picos denotavam um leve tom esbranquiçado. Abaixo, havia muitas árvores. O som maravilhoso da água de um rio a correr chegou até seus ouvidos, e francamente, parecia uma canção de amor da Mãe Terra.

— Erick — o som da voz da irmã chamou sua atenção.

Ele a encarou, e então a percebeu fazer um sinal com a fronte, em direção às árvores.

Lá, uma mulher de cabelos desgrehados, de cor indefinida pela sujeira, os observava assustada.

— Olá — Samantha disse, alto.

Os olhos dela arregalaram-se, como se tivesse levado um grande susto. E, então, subitamente, ela saiu correndo.

— Uma bruxa? — Brandon indagou, sem julgamentos.

Os Águias respeitavam o sacerdócio, a mãe terra e aos deuses.

— Não sei — Samantha respondeu. — Mas senti algo forte vindo dela.

— Forte?

— Dor. Muita dor.

Erick permaneceu em silêncio. O cenário de sonhos, obviamente, começou a desmoronar. Mas, ele estava ali por um propósito e não teria descanso até atingir seu objetivo.

O HOMEM CERTO

Estranhamente, seu povo foi bem recebido no feudo.

O administrador, um homem grande e sem expressão, indicou onde os seus deviam montar acampamento e depois lhe chamou em direção ao castelo.

Lá havia cinco homens à espera do Lorde Amis. Não sabia se todos eram pretendentes – alguns pareciam velhos demais para isso – mas, pensou novamente que era algo no qual ele não tinha a mínima chance.

— Todos querem Nunemesse, não é? — um jovem se aproximou dele, com um sorriso brando nos lábios.

Houve simpatia imediata.

— Sou Erick — apresentou-se. — Erick Balden.

— Um Águia! — o outro exclamou, surpreso. — Pensei que seu povo não saía de Hilde.

— Como você mesmo disse, todos querem Nunemesse.

O riso franco do outro fez com que ambos apertassem as mãos.

— Sou Finn — apresentou-se. — E não, eu não quero Nunemesse.

Aquela frase parecia dizer muito. Erick observou melhor o homem. Alto, forte e vigoroso. Muito rico, pelas roupas. Também infeliz, pela maneira como bebia do caneco a cerveja preta.

— O que faz aqui?

— Sou da casa de Keelin.

— Conhecidos pela beleza — Erick murmurou o significado do nome.

— Oh, obrigado — o outro gargalhou. — Mas, a verdade é que eu não vejo beleza nenhuma naquele lugar. Sou o filho caçula, ninguém na família se gosta, e estava feliz em viajar o mundo em busca de aventuras e mulheres. Mas, claro, acidentes acontecem e meus dois irmãos mais velhos sofreram um, de

charrete. Agora, sou o herdeiro de um lugar que não quero, e obrigado a achar uma esposa adequada.

— E acha que a filha de Nunemesse é essa mulher?

— Claro que não. — O outro negou. — Essa mulher não existe. Não sou homem de me manter leal a uma esposa. Então, se é para enganar e fazer sofrer um coração, para que se casar?

Erick admirou a sinceridade. Principalmente porque ela lhe lembrava a de Brandon. O irmão sempre dizia tal coisa. Iria devolver as palavras quando a entrada de um homem já de idade avançada interrompeu todas as conversas.

— Sou Amis — apresentou-se. — Ficarão hospedados em Nunemesse e eu os observarei até que eu tome minha decisão.

— E sua filha? — um dos homens indagou. — Podemos vê-la?

— A verão depois que eu me decidir. Não é amor que está em jogo aqui, e sim o destino de meu feudo.

Todos concordaram. Depois disso, o homem saiu, e os demais também se prepararam para afastarem-se.

— Creio que nos veremos por aí — Erick disse.

— Oh, não. Direi que não consegui e vou partir. Pretendo aproveitar um pouco mais a vida antes que meu pai me enfurne naquele castelo escuro e me obrigue a assumir a responsabilidade sobre a vida de muitos.

Erick compreendia. O peso das decisões era sempre muito difícil.

— Boa sorte — Finn desejou.

— Obrigado.

O outro preparou-se para sair quando voltou-se, repentinamente.

— Se conseguir, retorno — avisou. — Venho visitá-lo para saber como é a filha — riu. — A curiosidade sempre foi um dos meus maiores defeitos.

Erick gargalhou.

— Seria bem vindo.



— E então? Como foi?

Nas tendas montadas num dos cantos do vilarejo, Samantha surgiu diante dele como uma flor da primavera. Estava linda, em um vestido claro, e mantinha um sorriso gentil nos lábios.

Ele devolveu a graça.

— Lorde Amis disse que observará os homens e escolherá aquele que lhe agradar.

— Oh — ela pareceu surpresa. — E a filha? Como é?

— Não a vi.

— Estou curiosa. A curiosidade sempre foi um dos meus maiores defeitos.

A frase fez Erick arquear as sobrancelhas.

— Acabei de ouvir isso — contou.

— Isso o quê?

— O que disse... Sobre a curiosidade — explicou. — Acho que encontrei sua alma gêmea. — Gargalhou.

— Por que não vai se foder? — ela devolveu, já irritada. Depois, sorriu. — O povo nos recebeu bem. Nem parece que somos Águias.

— E Brandon?

— O que acha? Está se acostando com alguma aldeã por aí. Aquele lá nunca soube controlar os impulsos.

O irmão estendeu o braço à ela, convidando-a para caminharem.

— Não sei o que fazer para demonstrar que não sou um homem mau.

— Seja apenas você mesmo — aconselhou.

— Com o meu tamanho? Eu causo medo em qualquer um que me olha.

— Não causa em mim.

Ele beijou o topo da cabeça feminina. Subitamente, deu-se conta de que era observado. Os olhos voltaram-se para trás de uma árvore.

A figura sucinta do primeiro dia os olhava com interesse. Parecia não ser acostumada a demonstração de carinho fraternal.

— Vou falar com ela.

A simples menção e um passo de Samantha, fez a mulher recuar.

— A bruxa! — uma voz infantil chegou a eles.

Viram então um monte de crianças correndo atrás da mulher. Ela voltou-se para floresta, e correu mais rápido. Pedras voaram, risos e alegrias pelo machucado que provocavam.

— Meu Deus, que horror — Samantha murmurou.

Erick deu alguns passos em direção aos meninos, mas foi segurado pela irmã.

— Não é seu povo. Quando for, poderá intervir nessa covardia. Mas, agora, não faça nada.

Era quase uma dor física. Um Águia assistir algo de tamanho horror e nada fazer era uma vergonha. O pai ficaria derrotado ao sabê-lo sem intervir.

— Meu senhor — seus pensamentos foram interrompidos por uma bela jovem que surgiu diante dele. — O povo de Nunemesse lhe deseja boas vindas — e lhe ofereceu uma rosa.

Naquele estado de nervos, Erick estendeu a mão para pegar a flor. Sem querer, acabou pegando junto à mão pequena da dama e a puxou, com força.

A mulher quase caiu no chão.

— Eu... eu...

Ela não quis suas desculpas. Assustada, simplesmente desapareceu de suas vistas.

O homem encarou a irmã, culpado.

— Não sei o que faço aqui — admitiu.
Ela pareceu solidária em sua vergonha.
Ambos não sabiam que estavam sendo observados.



— Conte-me Marris.
— Como lhe disse, o Águia é o homem certo.
— Eu reparei que ele não tem modos. Quando entrei na sala, não se curvou como os demais fizeram. E ele nem percebeu o ato — Amis murmurou.
— Mas, o que ele fez que lhe deu essa impressão?
— As crianças viram Evelyn no vilarejo e lhe atiraram pedras. O homem assistiu tudo e não fez nada. Depois, uma mulher foi lhe levar uma flor, como sinal de boas vindas, e ele quase a derrubou. Não acho que teve intenção, mas é bruto, sem jeito, sem modos, e não parece se comover com o sofrimento alheio.
A frase animou Amis.
— Então ele é o homem, Marris.
— Sim, meu senhor.



Os três irmãos costumavam dividir a tenda. Em suas camas cobertas por pelo de ovelha, eles assustaram-se diante do barulho externo.

Sempre viveram assim, mediante sobressaltos. Erick e Brandon logo colocaram o casaco e empunharam a espada. Samantha envolveu-se em um robe grosso, e saíram para ver o que acontecia.

Lá fora, Amis estava cercado de uma frota de soldados. Erick logo percebeu que as coisas fugiram do controle. Abriu a boca para explicar que não tivera intenção de machucar a jovem mulher que lhe dera a flor, quando percebeu outra sendo jogada aos seus pés.

Era a bruxa suja.

— Eu o escolhi — Amis declarou. — Será o marido dessa coisa. Espero que faça bom proveito.

O trio trocou olhares.

— Como? — o mais velho mal conseguia acreditar.

— Ela se chama Evelyn, minha única filha. O casamento será de manhã.

Erick volveu o olhar para a bruxa. Cabelos tão sujos, que não se saberia dizer se eram claros ou escuros. A pele, provavelmente era branca, mas havia uma crosta de terra que não o deixava arriscar um palpite. O olhar? Pela iluminação noturna, notou uma leve verde oliva. De resto, a primeira impressão que tinha derivava do cheiro. Ela fedia mais que as latrinas.

Mas, havia mais: a completa apatia diante dele. Era como se ela não entendesse ou não se importasse com seu destino.

— Um membro do clero testemunhará a consumação do casamento —

Amis avisou.

— Não acho necessário.

— Eu acho — retrucou. — Quero ter certeza de que vai fodê-la.

O olhar masculino voltou à Samantha. Ambos estavam chocados pelo linguajar daquele pai.

— Ela é uma retardada, aleijada, muda, feia e fedida. Acha que vou arriscar meu trono por alguém que talvez nem toque nela. Se quiser Nunemesse, terá que enfiar teu pau nessa coisa.

Erick assentiu. Só queria que o homem fosse embora. E, ele foi. Deixou para trás a filha no chão. Nem sequer lhe destinou um último olhar.

Não havia amor naquela família.

Ao seu lado, percebeu um passo adiantar-se. Era Brandon.

Comoveu-se pela doçura do irmão. Brandon podia ter seus defeitos, mas quando ele se curvou misericordioso diante da mulher, Erick sentiu as lágrimas inundando seus olhos.

— Olá — Brandon murmurou, tentando chamar sua atenção. — Você fala?

Silêncio.

— Eu sou o irmão mais novo do seu futuro marido. E essa é Samantha — apontou a jovem bela que também a observava. — Você está em família agora.

E a frase arrepiou Erick.

O C A S A M E N T O

Quando Samantha arqueou-se diante dela, na tentativa de erguê-la, foi que o pavor de Evelyn se tornou real, pela primeira vez.

Ela grunhiu. Os irmãos se encararam.

— Parece um cachorro com medo — Brandon apontou.

Erick concordou.

— E tem motivos para estar — Samantha devolveu. Depois, sentou-se no chão, ficando à altura da mulher. Erick sentiu-se novamente grato por pertencer àquela família. A compaixão de Samantha era um presente dos céus. — Você não precisa ter medo de mim. Nem de meus irmãos. Seremos o seu povo agora. Serei sua irmã. Mas, precisa de um banho. Estou vendo os piolhos caindo pelo seu ombro.

Só então Erick notou o fato. Não conseguia se mexer, tamanho o choque.

— Talvez eu tenha que raspar a sua cabeça — ela murmurou. Depois, volveu ao irmão. — Você se incomoda?

— Não — negou.

— Precisa tirar essa roupa suja, e eu devo cuidar desses machucados. Está bem? Você me entende?

Sem respostas.

— Evelyn é seu nome, não? Não precisa dizer em palavras. Apenas mova a face se aceita.

Houve um leve mexer no rosto feminino.

— Por decência, devo me afastar essa noite — Erick murmurou. — Irei à outra tenda.

Samantha assentiu.

— Vou acompanhá-lo — Brandon murmurou.

— De jeito nenhum. Eu irei precisar de ajuda — interceptou.

— O quê? Mas, eu sou homem!

— Como se nunca tivesse visto uma boceta antes! — a mulher ralhou. — Vai me ajudar! Ela agora é sua irmã também.

Brandon até tentou pedir socorro para Erick, mas o irmão já se afastava, perdido em seus próprios pensamentos.

— Ele deve estar muito aflito e arrependido de ter vindo — Brandon murmurou à irmã.

Samantha negou.

— Não. Ele está apenas em choque. Mas, vai passar. E tudo ficará bem.

O outro esperava que sim.



O tom do cabelo de Evelyn era de um castanho claríssimo. A pele, pálida como as nuvens em dia de sol era cercada de hematomas e marcas roxas.

Ela apanhava. Apanhava muito. Havia olheiras profundas, desnutrição nítida, e feridas que Samantha não entendia como não há haviam matado ainda, por infecção.

— Consegui salvar metade do cabelo — contou a Brandon quando ele voltou à tenda, com mais um galão com água quente.

— Como conseguiu?

— Lavanda e salsa. Peguei nas hortas da região durante à tarde, para perfumar a tenda. Acabou que me foi útil.

Ela ouviu um som baixo, como de concordância, e então encarou o

irmão. Viu que ele olhava para o outro lado.

— Não tem nada aqui que você já não tenha visto, Brandon!

— Será a esposa de Erick!

— E como tal, será sua irmã também. E ela precisa de ajuda.

Só então o olhar do jovem rapaz voltou-se para a tina enorme.

— Ela está dormindo? — ficou assombrado.

— Sim, após tirar o barro acumulado, ela relaxou. Acho que nunca havia tomado um banho quente.

— O que são essas marcas?

— Percevejos. Está infestada de parasitas. Pegou os nozes pretos que pedi?

— Sim. Fará chá?

Samantha assentiu.

— Ela não é feia.

A frase do irmão fez Samantha olhar para o aspecto feminino de Evelyn pela primeira vez. Sim, não era. Muito maltratada, sem brilho ou qualquer sinal de felicidade no semblante. Mas, com certeza, apesar de tudo, não era feia.

Sorriu.



O templo local era um lugar isolado próximo da montanha, onde um sacerdote acendia incensos durante todo o dia para agradecer a Mãe Terra a ventura de viver num lugar tão belo.

O clero não costumava intervir muito na vida local, portanto, quando havia cerimônias, a curiosidade movia o povo até o santuário.

E aquela, mais que todas, fez todos saírem de suas casas no final da manhã.

A bruxa feia iria se casar! E com um Águia!

O casal perfeito: a feia e fedorenta, e o bárbaro desajeitado.

Samantha desceu de seu alazão e depois estendeu a mão para Evelyn, para também ajudá-la. Sabia que a jovem confiava em si. A nova irmã parecia nunca ter recebido qualquer demonstração de afeto antes da dela.

Depois do banho, as duas dormiram juntas. Evelyn agarrou seu braço como se estivesse segura ali, e Samantha lacrimejou diante do fato.

Puxou a noiva em direção à floresta. Viu Brandon encarando-as com estranheza, mas pediu que não as seguisse.

— Sei que mal me conhece, mas confia em mim, não? — Samantha disse, assim que ficaram a sós. — Hoje te farão mulher de meu irmão. Aquele mais velho, o alto. — tentou lembrá-la. — Pelo tamanho, ele pode assustar, mas garanto que não há nada a temer dele. Será um bom marido.

Nenhum sinal de compreensão.

— Evelyn, você me entende? Você sabe falar?

Um leve aceno.

~ *Sim* ~

Então, por que não dizia uma palavra?

— Você tem medo?

Outro aceno.

~ *Outro sim* ~

Samantha suspirou profundamente. Segurou suas mãos. Viu as feridas ainda abertas sobre os dedos magros, quase esqueléticos.

— Hoje à noite, meu irmão irá levá-la até um quarto. Ele irá se colocar por cima de ti e irá entrar em você. Não sei explicar direito, mas sei que vai doer um pouco. Erick tentará amenizar isso, então apenas suporte o que está para vir e tudo terá fim, está bem? Na manhã seguinte, nós já seremos oficialmente irmãs e eu cuidarei de ti.

O olhar pareceu mais tranquilo. Assim, Samantha a levou em direção ao templo.



Erick Balden não havia dormido na noite que antecedeu a cerimônia. Estava aflito, diante do que estava por vir.

A esposa era uma pessoa de sã consciência? Caso não fosse, como ele poderia cuidar dela quando ele aparentava ser tão apavorante?

O assombro pelo tom das vozes dentro da capela fez com que ele se voltasse à entrada.

Quase não a reconheceu. Os cabelos, limpos, estavam presos num coque alto, e a roupa clara simbolizava uma pureza quase irreal.

Aquela mulher linda que vinha até ele em nada lembrava a bruxa que lhe fora oferecida na noite anterior.

Quase suspirou, mas segurou o próprio ritmo afoito. De toda a maneira, o problema não desaparecia. Só agravava. Quanto mais bela fosse, mais sem jeito ele parecia diante dela.

Logo a deixaram à sua frente. Ao longe, Amis parecia espantado, e não escondia isso nos olhos arregalados. Não só ele. Todos ali, pelo jeito, jamais a haviam visto com os cabelos penteados e vestindo algo limpo.

O sacerdote sorriu para o casal. Evelyn não tirou os olhos dele um minuto, e ele mal conseguia imaginar o que se passava por trás dos olhos límpidos.

E sim, eram verdes. Tão verdes quando o campo florido com o qual ele sonhava entregar a seu povo.

A cerimônia começou. Algumas palavras trocadas, uma confirmação de compromisso. Eram mais que um homem e uma mulher. Agora, ele era seu dono, e ela sua posse. Poderia fazer dela o que quisesse, pelo que o sacerdote disse.

Estranhou aquilo, mas não falou nada a respeito. Em sua tribo, num casamento, o homem firmava o compromisso de amar e zelar pela esposa. Pela maneira como diziam ali, pareciam esperar que ele a fizesse sofrer.

E ela nem se acuava perante o dito. Estava acostumada. Sim, sentiu isso. Samantha havia falado da dor no dia em que a viram pela primeira vez, mas agora ele também conseguia experimentar aquela tristeza profunda.

Ao final das palavras, o sacerdote indagou se ele aceitava cada palavra. Disse sim, alto.

E então tudo acabou.

Evelyn era sua. Nunemesse era sua.

Tentaria fazer tanto a esposa quando o feudo muito felizes.

A NOITE

A festa que se seguiu a cerimônia durou o dia todo. Regada a vinho e comida farta, todos pareciam muito felizes. Menos, obviamente o casal de noivos, cada qual absorvido em seus próprios pensamentos.

Mais tarde, quando subiram ao quarto, encontraram o sacerdote.

— Meu nome é Efraim — ele se apresentou. — Quero deixar claro, Lorde Erick, de que mesmo que o cerimonial de núpcias não seja algo incomum, não é de meu agrado participar de algo que devia ser apenas de vocês dois.

Erick assentiu.

— Mas, Lorde Amis exigiu minha presença. E também exigiu a prova do ato, o sangue no lençol.

— Eu compreendo.

Mas, em nada compreendia. Estava constrangido, nervoso e acuado. Evelyn, provavelmente, sentia-se pior.

Olhou-a. Espantou-se com a nítida apatia. Definitivamente, ela não parecia temerosa. Francamente, ela parecia não sentir nada.

— Eu poderia conversar um pouco com ela? Apenas alguns segundos? Nunca trocamos uma palavra — explicou. — Apenas para acalmá-la.

Efraim assentiu, afastando-se.

Erick segurou o braço da esposa. Instantaneamente, a indiferença de Evelyn foi substituída pelo pânico. Ele sentiu aquilo e a soltou. Depois, lhe fez um breve afago no mesmo lugar que antes segurara.

— Minha irmã conversou com você? — questionou.

Ela assentiu.

— Sei que isso é muito difícil. Juro que, não fossem as exigências, eu lhe daria um tempo para acostumar-se a ideia. Poderíamos ser amigos antes de marido e mulher.

O olhar ficou curioso. Obviamente, ela não sabia o significado de algo como amizade.

— Um amigo é ter alguém com quem contar — explicou. — Como Samantha. Samantha já é sua amiga, não é? Ela a ajudou a limpar-se. — Viu a luz de compreensão no olhar feminino e então prosseguiu. — Eu queria tê-la protegido das pedras — explicou, deixando claro que havia visto a cena pela qual a mulher passara anteriormente. — E eu irei, a partir de agora. Ninguém nunca mais irá machucá-la, eu jamais permitiria.

A boca dela abriu-se, como se fosse dizer algo. Porém, logo voltou ao costumeiro silêncio.

— Mas, apenas nessa noite, apenas hoje... Eu terei que feri-la. Não muito, irei me esforçar para não machucá-la e farei tudo devagar, mas... Eu precisarei.

Evelyn apontou os cortes nos braços.

— Não! — ele negou. — Não será com chicotes ou surras. Nunca baterei em você — jurou. — Será de outra forma. Eu terei que me deitar contigo nessa cama, e irei...

Pelos céus, como explicar tal situação.

— Apenas, depois que acabar, você será minha para sempre, compreende? E, caso não deseje que o ato se repita, ele jamais ocorrerá novamente. Depois que for minha, poderá escolher se ou quando me quiser.

Ela sorriu. Por alguns segundos o coração dele pulsou com tanta força que pareceu arrancar uma parte de si. Apertou suas mãos.

— Estamos juntos nisso, está bem?

E afastou-se para chamar o sacerdote.



O que Erick Balden sequer suspeitava era de que Evelyn nunca havia recebido qualquer ato de generosidade antes da chegada daquele povo do deserto do Hilde.

A paciência de Brandon, a doçura de Samantha e agora a maneira gentil com que Erick se explicava tocou profundamente seu coração.

Sentiu lágrimas nos olhos. E elas derramaram-se pelo seu rosto recolhido em sofrimento. Não era de chorar muito. Já havia se habituado as dores físicas. Mas, aquelas lágrimas eram diferentes. Eram puramente emocionais.

Erick voltou. Encarou-a e então estendeu a mão, puxando-a para o leito.

O sacerdote Efraim sentou-se em uma cadeira aos pés da cama. Seu rosto estava enrubescido e não escondia o desconforto. Todavia, eram obrigações que deviam ser cumpridas e os homens ali estavam dispostos a fazer a sua parte.

Evelyn foi deitada na cama. O corpo pesado de Erick postou-se por cima dela. Ele parecia ansioso para cumprir logo o trato e terminar com aquele tormento.

Ergueu as saias. Evelyn nem se mexeu quando ele abriu-lhe as pernas. Ela não sabia o que viria, e não se importava. Estava confiando nele por puro instinto. Levou a mão à boca, segurando os soluços que derivavam das lágrimas que agora escorriam sem controle.

Sentiu uma pontada forte. Não conteve um grito mudo. Veio à dor, como se uma lâmina cruel a estivesse cortando.

Então ele se remexeu algumas vezes.

— Me perdoe — murmurou, em seus ouvidos.

E ela o perdoava. Ela o entendia. Apertou-o nos braços. Percebeu a surpresa dele, e também o viu lacrimejar. Era a primeira vez que um homem parecia chorar diante dela.

E então ele deu um urro seco. Ela sentiu-se molhada. E tudo acabou.

Os passos do sacerdote saindo do quarto indicavam que eles não eram os únicos a sofrerem ali.



— Ela sofreu? — Amis indagou.

O sacerdote mal conseguia aguentar aquela pergunta.

— Sim.

— E chorou?

Efraim assentiu.

— Foi muito constrangedor, senhor.

Amis deu os ombros.

— Ora, o clero precisa entender. Evelyn sempre viveu correndo pela mata. E se tivesse se esgueirado por aí com alguém sem que a gente soubesse?

Como se alguém conseguisse ver um ser humano por debaixo da lama e do medo.

— Eu vi o sangue, mas creio que seu genro lhe trará a prova, assim que se vestir.

As palavras se confirmaram cinco minutos depois. Erick entrou no salão e jogou o lençol sobre a mesa.

— Perfeito! — Amis gargalhou. — Seus conselheiros assinaram os termos em seu nome. Meu servo Marris ficará na casa para me manter informado sobre minha filha. Também virei vê-la sempre que possível.

— Para onde irá?

— Posso uma casa de campo. Parto com alguns servos leais. Nunemesse é oficialmente seu.

Erick não conseguia se sentir grato, mesmo assim curvou a face.



— Já sabe, não é? — Amis indagou, subindo em seu cavalo.

— Eu juro que a vida de sua filha será um inferno, meu senhor — Marris garantiu. — E sempre irei vê-lo, para levar-lhe notícias.

Amis gargalhou.

— Deve estar toda machucada, agora — imaginou. — Um homem grande daqueles deve tê-la arregaçado inteira.

Marris não escondeu o riso.

— Ela merece.

— Sim, com certeza — Amis concordou. — Até logo, meu leal súdito.

O sorriso que se seguiu foi maquiavélico.

Amis era um demônio. Mas, Marris podia e seria pior.

O CÃO



O cabelo havia sido cortado à altura da nuca. Samantha havia conseguido fazer um bom trabalho, mas as feridas ainda eram visíveis em todo o corpo magro.

Erick permaneceu em pé, diante da cama, a observá-la com atenção. O sol já havia nascido, e era possível visualizá-la completamente, em todas as suas nuances.

Ele sentiu o coração pulsar forte. Ela era sua esposa, e ele a faria feliz. Mas, ainda havia tanto a desvendar no íntimo daquela mulher.

E, como se comunicar se ela não lhe dissesse uma única palavra até então? Seria muda? Ele precisava descobrir.

Os olhos abriram-se e ele percebeu a confusão. Ela observou o quarto, parando o olhar na sua figura grande, diante dela.

Sorriu, tentando acalmar seus demônios.

— Evelyn — ele a chamou pelo nome. — Você teve uma boa noite de sono?



Será que aquele homem grande e forte teria indagado tal coisa se soubesse que era a primeira vez em sua vida que Evelyn teve uma noite tranquila de sono?

A limpeza fizera um milagre. Ela descansou sem coceiras, sem mordidas, sem dores. Apenas apagou, tão logo ele a feriu um pouco diante do sacerdote.

Falara que iria doer, mas ela mal sentira. Estava acostumada a dores piores, cravos na carne. Aquela leve ardência no meio das pernas fora provocada com tanta gentileza que não lhe causara nenhum mal.

Devolveu o sorriso para ele, grata.

Não fazia ideia do que seria sua vida dali em diante, mas estava profundamente grata por tudo que ele estava lhe dando. O sono, o banho, o sorriso...

— Você fala?

A pergunta dele foi gentil. Ela sentou-se na cama, e ele também, a uma distância respeitável. Parecia ansioso para ouvi-la falar.

E ela queria lhe falar, mas... Desde cedo, as palavras pareciam doloridas demais.

— Se não fala, não tem problema. Eu continuo feliz em tê-la como esposa.

Era tão estranho um homem grande daqueles ser imensamente delicado. Era como se ele medisse cada passo.

— Eu falo.

A voz saiu, e como já fazia muito tempo que não saía, escapou como um

grunhido rouco, uma agonia que transbordou em seu olhar e lhe fez lacrimejar.

— Fico feliz.

O olhar dele confirmava isso.

— Quero conversar muito com você, está bem?

Ela assentiu. Ela faria qualquer coisa por ele. Por seu salvador.



Pela primeira vez, ela deu passos livres no castelo em que nasceu. Todavia, apesar de agora não ter guardas a espreitá-la, seguiu para o mesmo banco ao sol que costumava abrigá-la nos dias ruins.

Erick estranhava sua mudez, mas ela tinha seus motivos. Falar era crime grave, ao pai. Não apenas para os aldeões que se atreviam a lhe dirigir palavras que não fossem insultos, como também a ela.

Nunca falar.

Nunca.

Então a mente se recordou do único amigo que tivera. Nem sabia seu nome, mas lembrava-se de ter sido deixada no banco, ao sol, o cheiro tão forte que nada nem ninguém sentia vontade de se aproximar.

Subitamente, contudo, um velho cão sem raça, carregado de sarnas, aproximou-se.

Ela só o notou quando ele cheirou seus dedos, balançando o rabo. A primeira e única manifestação de ternura que recebeu naquela infância miserável.

— Vá embora — pediu.

Mais que isso, implorou.

Mas, ele não pareceu se importar. Sentou-se ao seu lado, esfregando o focinho em seus dedos. Queria um carinho, e ela se comoveu. O cão sarnento não se importava com sua sujeira.

Tocou o topo de sua cabeça e se permitiu, por alguns segundos, ser algo além da crosta de lama.

E todas as vezes que ela era levada ao sol, ele estava lá. Com suas sarnas e suas ancas tão visíveis quanto às dela. O único a vê-la, a única a enxergá-lo também. Porque a vida era assim, havia coisas e pessoas que eram invisíveis, não importando o quanto elas fediam ou incomodavam.

Mas, um dia o pai viu. Talvez fora seu olhar de felicidade em ir ao sol que denunciou seu crime. Surgiu diante dela, um inquisidor carregado de raiva.

— Quem disse que poderia ter um cachorro?

Ela gritou. Gritou para que o cão fugisse, mas ele não saiu de seu lado. Então um dos soldados o capturou.

Agacharam o animal diante dela, e o degolaram, sem dó.

— Fale com mais alguém, e isso acontecerá de novo — o pai jurou.

Depois, ela foi arrastada para a torre. Não soube que fim deram ao seu amigo, mas chorou por ele como não chorou por ninguém, sequer por si mesma.

Quando saiu de lá, tempos depois, nada disse. Nada disse por todos os anos que se seguiram.



— Aí está você!

O tom masculino fê-la voltar-se em direção ao marido.

— Samantha a estava procurando para lancharem.

Evelyn tinha o costume de comer apenas quando lhe levavam comida. Isso significava uma vez ao dia ou até menos.

— Está feliz?

A pergunta seguiu-se ao ato de Erick sentar-se ao seu lado.

— Pode me responder? — ele pediu. — Ou é difícil para você?

Ela sorriu. Como e por que um homem que nunca a vira antes podia entendê-la tão bem?

— É difícil.

Ele segurou seus dedos. Tentou ser delicado, mas apertou. Ela soube que ele era desengonçado assim que o fez. Ficou ainda mais encantada quando sentiu o quanto ele se esforçava para deixá-la confortável.

— Sabe, estou admirado por sua coragem. Você passou por muitas coisas ruins. Aprendeu a falar ouvindo as outras pessoas?

Evelyn assentiu.

— Isso demonstra muita inteligência. No dia que chegamos a Nunemesse, meus irmãos e eu a vimos e eu fiquei muito triste por sua condição. Eu pensei: “*se eu for o senhor desse lugar, poderei fazer algo por essa pobre moça*”. Não esperava que fosse me dada em casamento. Estou feliz por isso, acredite. Eu a admiro muito por tudo que suportou.

Ela baixou a face.

— Não fique constrangida. O servo de seu pai me contou algumas coisas. Fiquei revoltado, mas não surpreso. Seu pai não me pareceu uma boa pessoa.

Ela ainda não tinha muita consciência do que era bondade e do que não era. Mas, assentiu novamente.

— Quero que seja muito feliz, Evelyn. Então, tudo que quiser, tudo que precisar... Basta me pedir, está bem?

Outro sorriso.

Erick nunca entenderia como vê-la sorrir podia lhe fazer tão bem.

SENHORA

Desde o dia do casamento, eles dormiam no mesmo quarto. Na cama grande, cada qual em seu canto, Erick nunca fizera sequer menção de tocá-la.

Aquilo, estranhamente, parecia entristecê-la. Não que gostara da ardência da primeira noite, mas gostava do calor que dele emanava. Porém, como não sabia se expressar, permaneceu em silêncio.

Durante a passagem dos dias, ela aprendeu a comer na mesa. Samantha a ensinou a segurar o garfo, a beber no copo, a se lavar (*até nas dobrinhas da parte de baixo, que sempre precisava estar limpa!*, explicou), e a vestir-se.

Já Brandon se tornou uma companhia frequente. Ele sempre tinha um jeito espontâneo que lhe fazia bem.

E tanto a sacerdotisa quanto Brandon a chamavam de irmã, o que transmitia a sensação de família pela primeira vez.

Foi depois de um mês que enfim ela voltou a sair do castelo. O cabelo ainda estava curto, então Samantha lhe havia feito um coque alto, e Brandon a ajeitou na sela. Queriam que ela conhecesse seu novo povo, os Águias, porque agora fazia parte deles.

Com o pouco tempo da chegada daqueles homens e mulheres altos e fortes no feudo, ainda não tinham casa, assim, viviam em barracas, mas o acampamento era limpo e organizado.

Ela notou que todos cheiravam bem, e que sempre havia lavanda espalhada em cada canto.

— Atrai boa sorte — Brandon explicou. — É a flor favorita de Samantha.

Brandon a apresentou as pessoas do lugar, e explicou que ela tinha dificuldade de se expressar, mas que os compreendia. Bebeu chá, caminhou entre o povo e quando preparava-se para deixá-los, avistou Erick.

O sorriso dele alargou-se quando a viu. Caminhou em sua direção e lhe estendeu as mãos. Ela as aceitou. Então ele a guiou onde estava anteriormente, para lhe mostrar as mudanças que programava.

— Essa é uma terra abençoada, minha senhora — murmurou em seus ouvidos.

Houve um arrepio em sua pele, sem explicação.

— Quero expandir nossa cultura, plantar mais do que o milho, o arroz e o trigo. Penso em criar pomares com variedades de frutas, hortas com cenouras, beterrabas e mais alimentos. Nunemesse é um feudo que tem tudo para ser completamente independente de qualquer outro. O que acha?

A pergunta a surpreendeu.

— Eu... Eu não sei — foi franca.

— Saberá — ele beijou seus dedos, carinhoso. — Irei ensiná-la e em breve saberá.

Subitamente, o som de vozes infantis. Quem gritava eram os filhos dos aldeões de seu pai, não o povo de Hilde.

Erick volveu-se para as crianças e as viu com pedras nas mãos.

— O que pensam em fazer?

Era a primeira vez que ele parecia aterrorizador. Era um Águia, grande e forte, mas sempre tão gentil que ela esquecera-se de que pertencia ao povo do deserto.

— Ela é uma bruxa — disse um dos meninos.

— Quem lhe disse isso?

— Meu pai.

— Então chame seu pai aqui — ordenou. — Vocês também. Quero o pai de vocês aqui, agora!

O grito dele quase fez as crianças chorarem. Houve medo em todos os olhares. Menos em Evelyn. Ela era acostumada ao terror.



— Espero que compreenda, meu lorde— um dos homens parecia amedrontado diante dele. — Era assim que o antigo senhor...

— Lorde Amis não manda mais aqui! Quem manda sou eu! — berrou.

Atrás dele, Samantha tocou seu braço, na tentativa de acalmá-lo. Estavam no salão principal do castelo, em uma reunião convocada pelos seus conselheiros.

— Não admito que qualquer um, seja de Nunemesse ou de Hilde, falte com respeito a minha senhora.

Sua senhora...

Evelyn, num canto, ao lado de Brandon, mal parecia perceber que falavam dela. Pela primeira vez, era parte de alguém para ser protegida.

— Senhor... — o homem tentou se explicar.

— Eu não quero desculpas. Eu quero a consciência que as coisas mudaram. Expliquem isso aos seus filhos, porque em Hilde nós não temos o costume de castigar as crianças e sim aos pais, quando elas faltam com o devido respeito.

Enfim, todos pareceram compreender.

Evelyn não era mais a bruxa. Evelyn era a senhora de Nunemesse.



— Eu queria um bebê.

Samantha volveu o olhar para o lado. Evelyn observava uma aldeã com um bebê no colo. Uma cena linda que tocou a ambas.

— Eu também — Samantha retornou. — Mas, jamais terei.

— Por quê?

— Sou uma sacerdotisa, consagrada à Mãe Terra. Para um homem me querer, ele tem que entender que eu serei mais que sua esposa. E, nenhum homem quer uma mulher assim.

— Eu sou apenas uma esposa para Erick? — a pergunta de Evelyn fez Samantha rir.

As duas estavam sentadas ao sol, sentindo o clima agradável a tocá-las.

— Quando minha mãe morreu, me responsabilizei em criar meus irmãos. Erick é um ano mais velho, mas fui eu que o eduquei. Portanto, para ele, você sempre será mais que uma esposa. Será também uma companheira e amiga. Porque é assim que ele pensa quando vê uma mulher. Mas, nem todos os homens são como ele...

Evelyn sorriu. Aquelas palavras sempre a agradavam.

— Eu criei meus irmãos assim, e assim eles são. Os dois. Mas, achar um homem que pense dessa forma não é fácil, Evelyn.

Subitamente, Samantha pareceu entender algo.

— Você quer um bebê? Quer ficar grávida?

— Acha isso ruim?

— Claro que não, eu iria amar ser tia. Mas, sabe que o que aconteceu na primeira noite terá que se repetir, não é?

— É mesmo? Por quê?

— Porque é assim que se fazem bebês.

Evelyn abriu a boca, espantada.

— Erick me contou que vocês não tiveram relações depois das núpcias. Está preparada para ter?

— Basta fazer e terei um bebê?

Aquela pergunta pueril fez Samantha gargalhar.

— Não. Às vezes demora em pegar barriga.

— E como saberei que peguei?

— Aquele sangue que desce todo mês, para de descer.

Eram tantas coisas misteriosas para Evelyn. Estava feliz por Samantha explicar tudo.

— Acha que devo pedir a Erick para fazer bebês?

Mais uma gargalhada nada inocente.

— Pelos deuses, ele iria adorar — admitiu. — Mas, sabe, acho que primeiro você precisa entender o que sente por ele.

Evelyn pareceu pensar.

— Uma criança é mais feliz quando nasce num lar de amor. Sei que meu irmão gosta muito de você, e pela maneira como você sempre se esgueira atrás dele, sei que se sente segura em sua presença. Mas, isso não é amor.

— Amor?

— Amor é algo mágico. É um formigamento em todo o corpo, uma necessidade quase doentia pelo outro. Amar é quando você suspira só em ter aquela pessoa especial ao lado. Você e Erick estão no caminho certo. O amor é apenas uma questão de tempo para ambos.

U M C O M E Ç O

— As pessoas não estão iradas por dividir as terras?

A pergunta do novo senhor era dirigida ao seu círculo de anciões conselheiros. Um deles negou.

— Digamos que Lorde Amis não era um exemplo de senhor feudal, e a vida do povo de Nunemesse não era muito agradável.

— Pela maneira como ele tratava a filha, isso não me surpreende.

— Tem mais. — Altamir, o mais velho deles, prosseguiu. — Parece que ele usou algumas mulheres, matando seus maridos. Colocava-as em casas para servi-lo. Queria muito um filho.

— Um filho? É estranho isso, pois ele tinha uma filha e poderia assegurar uma vida feliz para ela, assim tendo netos.

A simples menção de Amis irritava Erick. Ele não costumava detestar as pessoas, mas o estado em que a esposa fora-lhe entregue lhe causava profundo ódio. Amis não era um bom homem. Isso era um fato.

Quando a figura gentil de Samantha apareceu à entrada da sala de reuniões, ele suspirou.

Ergueu a mão, dispensando os homens. Samantha era mais que uma mulher comum, ela tinha privilégios aquém de ser a irmã do senhor. Era uma sacerdotisa e seu povo prezava muito por seus dons naturais.

— Está muito ocupado? — ela perguntou, apesar da sala estar cheia.

— Para você, nunca — o irmão sorriu. — O que deseja, Sam?

Sam...

Era raro chamarem-na assim. Brandon e ele lhe deram o apelido na infância, mas pouco o usavam.

— É sobre sua esposa.

A resposta imediatamente o interessou. Erguendo-se, ele a seguiu em direção ao jardim.



— Um bebê?

Subitamente, o coração de Erick se encheu de ternura. Uma criança, menina ou menino, com os cabelos escuros e – tomara! – os lindos olhos verdes da mãe. Céus, como ele amaria um filho. Deu-se conta de que não pensara na possibilidade até então, mas...

— Evelyn ainda não está preparada — Samantha explicou. — Não porque não amaria uma criança, mas porque ainda não entende o que é ser uma esposa, o que é amar alguém. Cabe a você explicar isso a ela.

— A mim?

— E quem mais? Você é seu marido.

— Tenho medo de amedrontá-la — admitiu.

— Ela te adora — Samantha o confortou. — Você a salvou de uma vida em desgraça. Apenas se permita uma aproximação maior. Ensine-a a amar, a desejar, a querer uma família. Evelyn é uma linda mulher e eu sei que você já lhe tem sentimentos fortes.

Parecia um sábio conselho. Erick o aceitou.

— Irei fazer tudo ao meu alcance.

— Não basta. Uma mulher carregada de dor precisa de mais. Seja um pouco mais incisivo no que deseja.

— E se ela me rechaçar?

Samantha gargalhou.

— Ela não vai — jurou. — Ela não vai.



A visão era deslumbrante. Ao longe, a cadeia de montanhas parecia atingir o céu. Abaixo, o lago de águas límpidas refletia tamanha beleza.

Evelyn observou o marido e o viu sorrindo. Ele estendia uma toalha sobre o tapete verde de grama, enquanto arrumava uma cesta de frutas.

— Sabe o que eu estava pensando? — indagou a ela.

O semblante feminino era uma incógnita.

— Um dia, quando o feudo estiver melhor organizado, poderemos sair em uma viagem para comemorarmos nossas bodas.

O sorriso lindo chegou a ele. Soube imediatamente que era uma ótima ideia.

— Está feliz, Evelyn? — indagou, a voz subitamente rouca.

Ela assentiu.

— Pode me responder? — ele murmurou. — Eu gosto da sua voz.

Houve um rubor imprevisto no semblante feminino. Ela escondeu um sorriso.

— Sim, meu marido.

Erick chegou-se a ela. Ali, naquele ambiente isolado, ele atreveu-se a tocá-la como seu esposo, pela primeira vez.

Segurou-a pela cintura, o mais gentil que pôde, e então a trouxe de encontro a si.

Um beijo leve, quase um tocar de lábios, algo pueril, mas que quebrava

uma barreira gigantesca entre eles.

— Tudo bem? — ele indagou. — Posso continuar?

Ela não conseguiu responder. Desta vez, as palavras não saíam. Assim, apenas assentiu novamente.

A boca máscula invadiu a sua, afundando-se em seu calor. Sentiu a língua dele, quente, deslizando pela sua, acariciando-a, e então tudo nela foi febre e paixão.

Não que Evelyn entendesse os sentimentos. Mas, havia coisas instintivas a todos os humanos. E ela, ali, naquele espaço, era a mais humana de todas.



A água estava morna. Evelyn deslizou, enquanto tentava nadar numa parte rasa. Seu corpo volveu-se para o marido que a admirava de uma determinada distância.

A mulher estava completamente inocente dos pensamentos que habitavam em Erick. Não percebia que seu vestido claro grudara no corpo, e que suas formas, suas aréolas, seu baixo ventre de madeixas escuras, estavam visíveis e tentadoramente pecaminosas aos olhos do predador.

Céus, Erick Balden nunca quis tanto uma mulher quanto a queria naquele instante. Sua boca chegava a secar na ânsia de deslizar por aquela pele sedosa, as mãos cocavam na vontade de agarrar os cabelos castanhos, o corpo exigia que ele se aproximasse.

Mas, havia honra. E honra era uma dos atributos que Samantha havia lhe passado desde a infância.

Evelyn era sua esposa, mas ainda era uma pessoa assustada e inocente sobre muitas coisas. Ele a queria, mas a teria no tempo certo. E esse tempo era

completamente dela.

Aproximou-se, ajudando-a a ir para o lado mais fundo.

— Não sei nadar — ela contou.

Ele sabia. Aproveitou-se. Grudou o corpo no dela, deixando que a figura delicada deslizesse ao seu. Ela não percebeu nada de estranho, nem teria por que. Simplesmente aproveitaram o momento.

Foi a mais bela tarde de suas vidas.

AMIZADE

Cerca de três meses após o povo de Hilde se unir ao de Nunemesse, Samantha deu a ideia de uma festividade.

O verão parecia ir embora, e ela queria dizer ao tempo de frio que ele era bem vindo à Nunemesse.

— Um festival de outono? — Erick questionou, enquanto estavam à mesa, jantando.

Samantha assentiu, voltando-se para Evelyn.

— Diga-me irmã, qual época do ano as pessoas ficam mais doentes? Com resfriados?

— No frio? — Evelyn arriscou.

— Exato. E, a bondosa Mãe Terra nos ajuda nessa época provendo laranjas e limões para fazermos os chás. Repare que a terra não gera o fruto em outra época do ano.

— Alguns tipos de laranja crescem no verão — Brandon se intrometeu.

— Não as que importam — Samantha devolveu. — Aquelas que têm o amor da Mãe Terra só vêm no inverno. Não seria maravilhoso podermos agradecer tamanho carinho?

Sim, seria. Evelyn encarou Erick que logo devolveu o sorriso. Ele jamais recusaria um pedido da esposa, mesmo que ele não viesse verbalizado.

Assim, alguns dias depois, o povo se concentrava em frente ao castelo para ouvir música, comer e dançar.

Erick sorriu diante da felicidade compartilhada. Ele sonhava em fazer o povo de Hilde feliz. Aquela era a realização de seus anseios.

Sentiu a mão de Evelyn em seu braço. Os cabelos dela estavam maiores e já ficavam soltos, caídos sobre os ombros. Estava tão bonita que ele sentia vontade de voltar para dentro do castelo e levá-la ao quarto. Amá-la até que nada

sobrasse de ambos.

— Vamos dançar?

Quem puxou sua esposa foi o irmão mais novo. Evelyn arregalou os olhos diante do pedido, e pareceu pedir socorro ao marido. Erick riu.

— Devia ir — aconselhou.

— Não sei dançar.

— Eu a ensinarei — Brandon insistiu.

— Sou manca — retrucou, por fim, com a verdade.

Percebeu a troca de olhares dos homens.

— Isso não a impedirá de nada, querida — Brandon a puxou. — A vida é daqueles que ousam vivê-la.

Ela sorriu, aceitando o puxão. Enfim, estavam no meio dos outros pares. Ele foi calmo e lento com ela, respeitando sua limitação.

— Você é bom para mim — ela disse, fazendo o jovem sorrir. — Assim como seus irmãos.

— Você é minha irmã também.

— Será um bom marido — ela afirmou. — É como seu irmão.

— Oh, não... De jeito nenhum — Brandon negou. — Não nasci para uma única mulher. Seria uma lástima deixar as demais damas sem a minha presença iluminada — ele riu.

Então, repentinamente, um som estranho escapou dos lábios de Evelyn. Um riso. Um ato tão banal e simples, mas que jamais havia ocorrido antes daquele momento.

Ela tentou segurar a gargalhada, colocando as duas mãos na boca, mas não conseguiu. Ficou ciente, de imediato, que estava tão feliz que o conhecimento seguiu-se ao medo.

Quanto tempo alguém como ela conseguiria manter aquela felicidade?

— Irmã? — a voz de Brandon pareceu estranha.

Foi então que Evelyn sentiu as lágrimas despencando pelo rosto. Foi incontrolável.

Ela o apertou nos braços, permitindo-se chorar, rezando baixinho aos

deuses de Samantha para que não tirassem dela aquele pequeno lapso do tempo, onde ela existia, era alguém, pertencia a alguém, e amava.

Ela os amava... aos três.

A Erick, mais que a tudo.

— Está tudo bem... — Brandon murmurou em seus ouvidos.

A música era animada, mas eles aninharam-se em passos vagarosos, num pesar inarrável.



Desde que fora tirada de lá para ser entregue ao líder dos Águias, Evelyn não havia retornado à torre.

O lugar estava praticamente igual. O fedor ardia as narinas, a escuridão parecia envolvê-la em terror, e uma dor profundamente enraizada afundou-se em seu ser.

Sentou-se no chão, à porta, observando seu cárcere por anos. Ali ela foi acometida de todo infortúnio impossível.

E havia dores que não passavam, mesmo que a ferida houvesse cicatrizado.

Sentiu a presença de Erick, mas não girou em sua direção. Ele sentou-se ao seu lado e segurou seus dedos.

— Eu vivi aqui — ela contou.

Ele sabia. O servo chamado Marris havia lhe narrado.

— Quer falar sobre isso?

— Não — suspirou —, quero esquecer.

— Mas, está aqui — Erick apontou.

— Hoje dei-me conta do quanto eu temo perder a vida que tenho agora. E se um dia toda essa felicidade me for arrancada e eu voltar a esse lugar? Não sou mais a mesma mulher que saiu daqui.

— Isso nunca vai acontecer — Erick jurou. — Eu sou seu homem, seu marido. Nem a morte me impediria de protegê-la. Serei sempre seu escudo.

As palavras a comoveram. Tudo nele lhe dava segurança.

Aquele sentimento descrito por Samantha subitamente pareceu corroê-la. Estava ali, o coração pulsando, um estremecimento desconhecido no âmago e uma vontade absurda de abraçá-lo tão forte que poderia fundir-se para sempre a ele.

— Eu te amo — ela murmurou.

Foi uma confissão tão delicada que Erick mal ouviu. Lá fora, a festividade prosseguia, mas ali, entre eles, havia outro tipo de felicidade.

— Eu a amo também — retornou.

E então seguiram para o quarto.

Capítulo 11

O A M O R

Quando Erick fechou a porta do quarto, ele mal conseguia acreditar que Evelyn estava ali, ao seu lado, por vontade própria. Não que até então ela havia recusado algo a ele, mas havia um misto de assombro e êxtase em saber que aquele desejo arrebatador não provinha apenas de si.

Compartilhavam a emoção.

Ela o amava.

Cruzou a distância que os separava. Segurou-a nos braços, abraçando-a, tentando ser como sempre muito gentil. Todavia, Evelyn sentia o nervosismo do marido pela respiração rápida contra sua nuca.

Erick a encarou e, como sempre acontecia quando os olhares se encontravam, um misto de sentimentos ecoou em ambos.

— Eu te quero tanto, Evelyn... — Erick murmurou contra sua face, o ar que exalava de sua boca cheirava a cravo. — Nunca amei ninguém como amo você.

Era verdade. Ele nunca foi um puritano, mas não era de se esgueirar com mulheres como Brandon fazia desde a puberdade. Sempre quis alguém especial, e essa pessoa agora estava ali, diante dele.

A frase mexeu com a alma da mulher. Sentiu as lágrimas deslizando pela sua face, e arrepiou-se, quando Erick as secou com beijos.

Depois, tudo tornou-se uma fusão de roupas sendo arrancadas, lábios se encontrando, peles se tocando e almas se fundindo.

A boca de Erick desceu num caminho perigoso. Da nuca, lambeu até abaixo, chegando aos seus seios. Evelyn arfou, mas ele prosseguiu até sua cintura. Em segundos, o homem a forçou contra o leito e Evelyn se deixou guiar, aquecida por um calor carnal que a deixava zonga.

Contudo, nada o preparou para Erick agachar-se até seu centro feminino

e colocá-lo na boca. Pasma, Evelyn observou por alguns segundos, sem saber como se expressar ou o que sentir. Por fim, entendeu que tudo que vinha dele era amor e carinho. Então, mesmo aquele ato estranho era regado por uma intensa dedicação.

Fechou os olhos, tocando os cabelos macios do outro, sentindo sua cabeça erguendo-se e abaixando-se, num ritmo cuidadoso e cadenciado.

Evelyn contorceu-se com a sucção forte.

Repentinamente, nada era mais doce. O toque gentil passou a selvagem. Agarrou os cabelos em desalinho de Erick. Deu-se conta, tarde demais, que aquele podia ser seu fim. Como podia entregar-se daquele jeito, quando tudo que parecia restar de si eram cacos de uma mulher sofrida?

Mas, ela se permitiu. Permitiu que o outro a lambesse, a sugasse, a submetesse mais e mais vezes, até que algo transformador ecoou em sua alma.

— Erick! — gritou.

Estava afogada naquele mar de sensações potentes e pecaminosas. Não tinha mais controle sobre suas emoções, era como se estivesse sendo levada ao céu, chegando ao mais perto dos deuses possível, em puro deslumbramento.

O sorriso safado pegou-a desprevenida. Repentinamente, Erick agarrou suas coxas, erguendo-as. Inacreditavelmente, sua força fez com que Evelyn ficasse completamente aberta a ele, disponível para qualquer ato que ele quisesse.

Um pingo de esperma a atingiu. A lubrificação quase a fez gritar. Cobriu a boca, preocupada em não deixar escapar nenhum som. Não sabia mais o que era correto ali, naquele quarto. Estava tão entregue que tudo mais perdeu a razão.

Pouco pôde fazer para conter o gemido, quando Erick, baixando suas pernas, ergueu seu tronco, fazendo-o sentar.

Encararam-se. Mais uma vez, naquela noite, Evelyn afastou os pensamentos românticos. Uma criatura como ela... Por quê? O que havia feito para receber tamanho prêmio?

Renegou o incômodo pensamento. Aceitou o puxão do marido, começou a subir nele, atrevida, deixando que ele lambesse seus seios, resvasse em sua pele. E então sentou-se sobre o mastro, deixando que Erick a invadisse mais uma vez.

Mas era diferente agora. Não havia a ardência. Só havia a entrega.

Todo o ato foi realizado olho no olho. De alguma forma, o medo se infiltrou nela e o temor de fechar os olhos e a imagem confortadora a frente desaparecer fê-la apertá-lo firme.

Não quero perdê-lo... Não quero...

A onda de prazer a atingiu. E, repentinamente, percebeu que teria novamente aquele clímax, aquela delícia, aquela união que a havia tocado momentos antes.

Conteve um gemido, mordendo o lábio. Aquela dança erótica de vai-e-vem tornou impossível que os sons fossem abafados, e eles não mais se esconderam em vergonhas que não cabiam naquela relação. Empenharam-se num beijo intenso, mascarando o som da paixão entre o enroscar das línguas.

A dança logo se acelerou. Contudo, não tão rápida, não quando tudo que queriam era que o tempo durasse para sempre, que o amor prevalecesse e vencesse o mal que se espreitava nos pesadelos da mulher.

Então, veio aquela onda fulminante que pareceu querer levá-los até um topo de uma montanha e jogá-los de lá, como um pássaro em um céu ensolarado. Evelyn choramingou de prazer, enquanto sentia seu centro receber um jato quente.

Enfim, havia acabado. Um fim. Um início. Um recomeço. Observou o rosto de Erick e ele mantinha um sorriso satisfeito e cálido nos lábios. Recebeu mais um beijo gentil e suspirou.

Estava tão feliz que podia chorar.

— Não quero ver seu olhar triste nunca mais — o marido afirmou, e ela assentiu, aceitando.

Evelyn não conseguiu evitar acariciar a face suada. Gostava da forma como o olhar de Erick sempre parecia negro demais quando a encarava.

— Não me machuque — pediu, num murmuro.

— Nunca, meu amor — o outro prometeu.

Respirando fundo, ainda enroscados, deitaram-se na cama. Exaustos, fecharam os olhos, prontos para dormir.

A vida sempre reservava surpresas. O Rei dos Águias e a Bruxa de Nunemesse foram feitos um para o outro.

O FRUTO

— E sabe o que ele me disse?

Erick riu, diante do tom furioso de Samantha.

— De que quer ir nesse festival sei lá do quê! Diga-me, por quê? Está chegando à primavera e Brandon sabe que preciso fazer os cerimoniais...

— O Sacerdote Efraim pode fazer isso...

— Eu preciso fazer! — ela insistiu.

— Mas, Brandon disse que pode ir sozinho!

— Até parece que eu deixarei — ela deu os ombros.

— Samantha, ele já é um homem.

Em breve, completaria um ano que Erick assumiu seu posto como senhor de Nunemesse. A vida corria rápido quando se era feliz, e nos últimos meses, ele foi fortuitamente o homem mais feliz da face da terra.

O frio já estava se despedindo, mas aquele inverno havia sido o melhor de todos. Como era bom aquecer-se no corpo sagrado da esposa, toma-la para si e beijá-la em cada pedaço de pele que pudesse.

Pelos céus, como ele amava tudo em Evelyn.

— Ele ainda é meu irmão mais novo! — ela ralhou. — E não é porque você está casado que pode me afrontar assim.

Ele ergueu as mãos, em sinal de respeito.

— Diga-me, irmã: o que devo fazer?

— Impeça-o!

— Brandon quer ver o mundo. Samantha, ele pode fazer isso. Ambos podem. Nós agora temos um feudo promissor e feliz. Podem aproveitar as festividades da regência.

Viu os olhos cheios de lágrimas da sacerdotisa.

— Está contra mim — ela acusou. — Oh, depois de tudo que fiz para criá-los, dei um amor de mãe, e agora...

— Nunca, irmã — recusou as palavras. — Não faça chantagem, por favor — riu. — Apenas pense na possibilidade, está bem? Quem sabe depois de uma aventura, Brandon não se aquiete e aceite se casar.

— Ele diz que é cafajeste demais para isso — negou. — E eu acho que está certo. Se ele não serve para respeitar uma mulher, que não se case!

— Às vezes uma mulher pode mudar um homem.

— Ninguém muda ninguém — ela negou.

Evelyn surgiu na sala de administração. Sorriu para os irmãos.

— Samantha, podemos conversar?

A sacerdotisa assentiu, e levantou-se. Subitamente, contudo, estancou.

— Já sei o que vai me dizer...

E ela havia acertado.



— Um bebê? Tem certeza?

A mão de Samantha deslizou pelo ventre da outra. Sorriu.

Ao lado delas, Erick aguardava a resposta com ansiedade.

— Sim, eu o sinto — Samantha afirmou. — E suas regras pararam, não é?

— Deviam ter descido há alguns dias, mas eu não me atentei na época.

Então, me recordei de nossas conversas.

Trocaram um sorriso.

— Que conversas? — o homem interrompeu.

— Oh, mulheres sempre estão a falar de algo, meu irmão. Eu lhe expliquei o pouco que sei sobre fazer bebês.

Erick riu.

— Tem certeza? — ele repetiu a pergunta.

Confiava no instinto da irmã.

— Eu sei que seu bebê está aí. Eu sinto sua aura. É uma vibração quente, sua alma é forte como a do pai. Acho que será um menino.

Só então Erick pareceu se dar conta de que Evelyn carregava seu primeiro filho. Sentiu as lágrimas a tomá-lo, mas tentou escondê-las porque não era costume um Águia chorar.

Todavia, nem Samantha e nem Evelyn mascararam a emoção.

— Vou deixá-los a sós. — A irmã sentiu o momento e se afastou.

Quando a porta se fechou, Erick voltou-se para a esposa. Na face feminina, lágrimas caíam descontroladamente.

— Não há homem mais feliz nesse mundo do que eu, minha querida. Muito obrigado.

Evelyn caminhou em seus passos trôpegos até ele.

— Sou a mais bem aventurada das mulheres, Erick — afirmou. — Eu te amo.

O beijo confirmou que o sentimento era mútuo.



— Foi difícil deixar o castelo no inverno — Marris afirmou, aceitando uma xícara de chá de uma das servas de Amis. — Mas, cá estou, meu Lorde, para lhe narrar tudo que deseja saber.

Amis, sentado em sua confortável sala da casa de campo mal escondia a ansiedade.

— Não se faça de bobo. Sabe que desejo saber tudo.

— Bom — pigarreou —, o povo de Nunemesse vai bem. Estranhamente, o Águia é um bom administrador.

— Estou cagando para o povo — retrucou. — Quero saber da bastarda! O quanto ela está sofrendo?

Marris bebeu mais um gole. Estava completamente calmo.

— Está bem, creio.

— Como assim, está bem?

— Ora, está grávida. Lorde Erick Balden mal pôde conter a felicidade. E Evelyn está radiante. Aliás, como ela é diferente limpa e bem alimentada.

— O quê?

— O homem é louco por ela. Vive a mimando. E os irmãos a chamam de irmã. Acho que sua filha nunca foi tão feliz.

Por sorte, Marris ainda segurava sua xícara, assim não perdeu o bom chá que havia sido preparado. Todo o resto foi atirado contra a parede, tamanho o ódio de Amis.

— E você me conta com essa face de serenidade? — Amis despejou. — Como permitiu?

— Meu Lorde, farei tudo que me ordenar, mas não posso fazer nada se não me dizer para fazer. Estou aqui lhe narrando os fatos, e eles podem ser ordenados de maneira diversa, basta que me diga.

Amis pareceu se acalmar diante das palavras.

— Não aceito que a bastarda seja feliz! — afirmou. — Ela não merece!

— Sim, eu sei. Mas, ninguém mais se atreve a ofendê-la por ser manca ou lhe atirar pedras, até porque em nada lembra a bruxa de antigamente.

Amis sentou-se novamente em sua cadeira acolchoada.

— Está prenha, então?

— Sim, e pelo que disse a irmã do novo Lorde, será um menino.

— E está feliz com isso?

— Muito. Já ordenou que fabricassem um berço. Ela também está encomendando da tapeçaria alguns cobertores de bebês. E as costureiras do castelo estão preparando o enxoval. Nunca a vi mais animada.

Amis pareceu compreender tudo.

— Então é isso.

— Isso o quê, meu senhor?

— Tire dela o que ela mais ama. E isso, no momento, é o filho.

— Não será fácil fazê-la abortar, pois a tal sacerdotisa de Hilde não sai de seu lado.

— Afaste a mulher, então. Arrume uma desculpa.

Amis se levantou. Sumiu por alguns momentos. Marris voltou a beber o chá, com paciência e total calma. Nem parecia que planejava matar um inocente.

Quando Amis voltou a ele, mostrou-lhe um punhado de Artemísia.

— Esse chá tira bebês — Amis explicou.

— Artemísia? Sempre pensei que era para dores de estômago.

— Serve para um monte de coisas, mas é bem usada como abortiva. Não tenha pena, coloque um maço inteiro. Mate o bebê que ela gera — ordenou.

Marris assentiu.

— Como sempre, cumprirei suas ordens, meu senhor.

A D O R



Samantha não precisava volver-se para trás para saber que Marris estava próximo. Ela o sentia. Desde a primeira vez que o viu. Não que fosse uma presença negra e coberta de maldade, mas também havia dor.

Uma dor agonizante, todavia, bem camuflada, envolta em mágoa e raiva.

Não considerou, contudo, que houvesse qualquer ameaça a si ou aos seus. Muitos carregavam dor, e a dor não os fazia cometerem maldade. Bem da verdade, a maioria que sentia dor passava uma vida inteira fingindo que ela não existia.

— Uma criança na aldeia está muito doente.

Desde a ida do servo a casa de campo de Amis, o homem ia diariamente à aldeia. O feudo era grande, e Samantha não sabia o que ele fazia por lá. Sequer desconfiava que o homem buscava um pretexto para tirá-la do castelo.

— O que ela tem?

— A garganta fechou. Não acho que seja algo grave, mas sei que tem o dom da cura, e poderia aliviar a dor do menino.

Samantha assentiu.

O dom, na maioria das vezes, não provinha de sua graça espiritual. Seu conhecimento sobre a Mãe Terra é que costumava salvar vidas.

— Por favor, me indique o caminho.

Ela arrepender-se-ia amargamente de ter deixado o castelo naquele dia.



— Sua barriga já está saliente — Brandon murmurou, acariciando o ventre feminino. — Acha que será um menino?

Evelyn estava sentada em uma cadeira diante da bonita vista que dava para as montanhas.

— Samantha disse que sim — a cunhada sorriu. — Estou tão ansiosa. Já amo tanto meu filho...

O outro curvou-se ao ventre e o beijou.

— Provavelmente será a criança mais amada do feudo. Diga-me, irmã, já escolheu o nome?

Não, Evelyn ainda não havia pensado nisso. Seu momento, até então, se resumia a apertar as roupinhas já prontas contra a face, imaginando que estivesse a beijar o filho.

— Deixarei seu irmão escolher o nome — contou.

— Péssima ideia — Brandon riu. — Ele não é muito criativo. — Voltou-se para a cadeira, sentando-se diante dela. — E onde está?

— Foi ver as plantações. Disse que quer criar pomares diversos ao redor dos rios. Assim a água ajudaria na irrigação e as plantas teriam frutos mais doces.

A entrada de Marris os calou. O homem sorriu para Evelyn e se curvou a uma banqueta. Depois, começou a servir chá.

Brandon experimentou primeiro.

— É doce — murmurou.

— Uso mel, conforme sua irmã me ensinou — o servo explicou. — Ela disse que o mel costuma afastar enfermidades.

Evelyn aceitou uma xícara. Bebeu um gole. Gostou do sabor.

— Muito obrigada, senhor Marris — ela sorriu para o homem.

Recebeu outro, em retorno.

Estranhamente, em todos aqueles anos, deu-se conta de que Marris nunca lhe agrediu ou lhe ofendeu. Era como se ela não existisse, para ele. Agora, todavia, assim como as demais pessoas de Nunemesse, passou a percebê-la e a tratá-la com cordialidade.

Nem imaginava que tudo isso tinha um preço.



Uma das costureiras havia vindo à tarde para lhe trazer um pequeno casaquinho de lã. No dia seguinte, Evelyn iria até uma mãe recente do povo do Hilde para aprender como vestir, banhar e cuidar de um bebê.

Estava tão ansiosa que, caso pudesse, aceleraria o tempo apenas para ter o bebê nos braços.

A porta do quarto abriu e ela visualizou o marido. Ele tinha as mãos sujas de terra, e estava ansioso por um banho. Mesmo assim, aproximou-se dela e lhe deu um beijo suave nos lábios. Depois, curvou-se a barriga e também beijou seu ventre.

— Olá, meu filho — murmurou. — Senti sua falta.

Ela acariciou os cabelos suados do marido. Percebeu-o se afastando, indo em direção ao quarto de banho e o seguiu.

— Como foi o dia? — perguntou.

— Perfeito. Estamos progredindo muito.

Ela assentiu. Sabia que essa seria a resposta. Erick era forte e capaz. Ele administraria Nunemesse com mãos poderosas.

— Hoje falava com Brandon sobre...

Uma cólica forte. Arregalou os olhos. Segurou-se na porta, percebendo o olhar estranho de Erick em sua direção.

— Evelyn? — seu nome parecia distante.

Não apenas o nome. Repentinamente, sentiu-se fora do próprio corpo, assistindo a si mesmo curvando-se ao chão enquanto o sangue derramava-se pelas pernas, com intensidade, causando uma dor absurda.

Quis morrer. Pediu pela morte. Mas, a morte não a atingiu. Levou apenas seu amor, seu bebê...

Ela sabia que um dia a felicidade terminaria. Ela acabou naquela poça de sangue.

L U T O

O quarto estava escuro. Era assim que ela queria, desde que perdera o filho, duas semanas antes.

Erick havia dito à irmã que a esposa não queria consolo. Não queria um toque, ou uma palavra de pêsames. Tudo que desejava era permanecer na escuridão, deitada na cama, chorando pelo filho que não nasceu.

E ele respeitou aquilo, apesar de também estar sofrendo muito. Não que demonstrasse. Era o Lorde daquele feudo e, como tal, permanecia com o semblante impassível diante das pessoas. Todavia, quando sozinho, refugiava-se em algum canto e chorava amargamente.

Samantha sabia disso. E respeitou aquele momento. Eles haviam amado o menino desde que souberam de sua existência. A perda de um filho era uma dor poderosa, e deixou-os para que a vivessem. Contudo, agora ela abria as cortinas do quarto do casal, e observou Evelyn na cama.

— Por favor — a voz da cunhada chegou a ela. — Por favor, me deixe...

— Não — recusou. Então, sentou-se na cama. — Tem coisas que não lhe disse, Evelyn. Vou falar agora. Muitas vezes, a mãe perde o bebê antes de nascer. Não é culpa sua, nem do bebê. De ninguém. Acontece. Mas, não quer dizer que não terá outros filhos.

— Ninguém nunca substituirá meu filho.

— Evidente que não. Cada alma é única. Você sempre sofrerá por esse bebê. Mas, terá outros e será mãe. E quando for, terá que ser forte para dar amor a eles também.

Evelyn sentou-se na cama.

— Como está Erick? — perguntou.

— Não sabe? Ele é seu marido!

— Não consigo olhar para ele.

— Por quê?

— Me envergonho em tê-lo feito sofrer, já que tudo que ele me deu foi felicidade.

Samantha segurou suas mãos, apertando seus dedos.

— Erick sabe que não tem culpa, meu amor...

— Sempre me incriminei por ser feliz. Era como se estivesse vivendo algo proibido. Alguém destinada ao sofrimento, agora, sorrindo e se alegrando por tudo que vivia? Talvez tenha sido o destino que me arrastou de volta à lama.

— Isso não aconteceu. Não voltou a nenhum lugar. Seu marido entende o que aconteceu, e sabe que terão outras oportunidades. Precisam conversar, está bem?

Evelyn assentiu.

Samantha então se ergueu, deixando-a.

O sol tocava a cama. Parecia que os deuses queriam confortá-la também. Mas, haveria conforto para aquela dor?



—Samantha disse que queria me ver— Erick entrou no quarto e a encarou.

O olhar apagado, os olhos inchados pelas lágrimas, a derrota pelos ombros caídos, o tocou profundamente.

— Quero pedir desculpas.

— Pelo quê, meu amor?

— Por ter...

Lágrimas. Aquele choro sufocado. Por que perdeu o filho? Por que sofreu durante anos trancada naquela masmorra? Por que o pai a odiava?

Eram tantas as questões e, repentinamente, vieram todas à tona, em sem âmagô.

— Eu também sofro, Evelyn — ele sentou-se à cama, trazendo-a aos braços. — Mas, talvez não fosse para ser. Talvez os deuses tenham poupado nosso filho de alguma dor que nós desconhecemos. Seja como for, tentaremos outra vez. Teremos sim um bebê e seremos felizes porque merecemos.

Ele segurou sua face e beijou sua boca. Sentiu o gosto salgado das lágrimas.

— Eu te amo — reafirmou. — Eu te amo, Evelyn.

Era uma verdade que mais uma vez se confirmava.



— Como ela está?

Brandon surgiu diante dele no salão com o semblante claramente preocupado. O irmão mais velho respirou fundo, e então respondeu.

— Evelyn tem uma força que a mesma desconhece. Eu sei que irá se recuperar. Todos nós iremos.

Brandon assentiu. Também acreditava naquilo.

— Meu irmão, tenho uma desconfiança...

— Que desconfiança?

— Não queria dizê-la. Não quero culpar um inocente sem provas.

— Fale logo...

— Naquele dia em que ocorreu a perda do bebê... Antes, quando Samantha estava na aldeia e você nas plantações, eu e Evelyn estávamos sentados no salão. Marris apareceu com um bule de chá.

— O que quer dizer?

— Que chá se serve a uma grávida? Normalmente hortelã, não? Às vezes, melissa. Mas, o gosto daquele era diferente. Não conheço muito as plantas, e nem me preocupei com isso, no momento. Mas...

— Acha que ele lhe deu um chá para abortar?

— Talvez sem querer. Talvez nem pensou na possibilidade. Um erro...

— Ou uma ordem. Marris não havia ido ver Amis dias antes?

Brandon negou.

— Pelos céus, Erick. Sei que está sofrendo, mas cuidado. Eu lhe disse isso porque estava me corroendo, contudo, sem provas, não faça nada.

Erick socou a parede. O simples ato de descontrole enervou Brandon.

— Eu preciso saber a verdade.

— Compreendo, faça isso com calma.

— Farei — afirmou. — Vou descobrir. Mande chamar um dos escribas. Quero dirigir uma missiva para Lorde Amis.

— O que dirá?

— Que a filha perdeu o bebê e que seria bom ter presença dele no castelo, a fim de confortá-la.

Brandon negou.

— Sabe como Evelyn teme o pai.

— Sim, mas será necessário. Preciso colocar o homem contra a parede, mas não posso deixar o feudo e ir atrás dele. O farei vir, e dependendo da resposta, eu o matarei.

— Erick...

— Era meu filho, Brandon — Erick o encarou, e o irmão percebeu as lágrimas. — Um filho que eu já amava mais do que a mim mesmo. Se eu o perdi por qualquer causa que não seja natural, alguém vai pagar.

Capítulo 15

VERDADE

Quase um mês após o aborto, enfim Evelyn desceu as escadas que levavam ao salão principal. Lá embaixo, o sorriso encorajador de Samantha fê-la crer que fazia o certo.

Tinha que superar a dor para ser novamente uma boa esposa a Erick. Ele não merecia sofrer mais do que já sofria.

— Como se sente? — Samantha indagou, estendendo as mãos e a levando até a sala onde se alimentavam.

Logo, servas surgiram. Evelyn viu o pão, os pedaços de porco, os chás, e as geleias, mas tudo lhe embrulhou o estômago.

— Triste — murmurou. — Mas... — ficou muda.

— Mas?

— Erick precisa da esposa.

A frase fez Samantha sorrir.

— Como você se fortaleceu, meu amor — disse. — Estou mais tranquila por vê-la assim. E está certa, você é o porto seguro de Erick. Ele também anda perdido desde aquele terrível acontecimento. Acho que ficará mais tranquilo agora que a esposa parece melhor.

Como se chamado das sombras, logo o marido apareceu, e pareceu espantado por vê-la em pé.

— Está tudo bem?

— Sim — ela sorriu em sua direção.

Samantha sentiu o irmão nervoso, mas não quis indagar os motivos. Ele não devia estar feliz pela recuperação da esposa?

— Não sabia que sairia da cama hoje, meu amor — Erick contou, culpado. — Seu pai está chegando...

— O quê? — Evelyn pareceu horrorizada. — Por quê?

— Porque eu preciso saber se ele tem responsabilidade no que nos ocorreu — a franqueza a chocou.

O som de botas anunciou a chegada do antigo senhor. Evelyn sequer teve tempo de se esconder. Repentinamente, estava diante do monstro de sua infância e começou a tremer, compulsivamente.

— Eu vim ver com meus próprios olhos — Amis gargalhou. — Eu soube que estava grávida, mas duvidava que mantivesse um filho no ventre. É uma fraca, uma coisa repugnante que nunca conseguiria segurar uma criança.

Amis sempre foi alguém acostumado a falar e pensar como quisesse, sem ninguém lhe retrucar. Era o rei de sua terra, de sua vida. Suas palavras mordazes não espantaram o jovem Senhor.

Todavia, pela primeira vez, recebeu retribuição.

— Cale-se! — Erick berrou, e o som foi tão assustador que o próprio Amis retrocedeu. — Chame Marris — avisou a Samantha. — Quero ambos aqui.

Houve um breve silêncio enquanto a sacerdotisa saía e voltava. Silêncio quebrado, pouco depois, pelas lágrimas da filha rejeitada.

— Eu não entendo — ela murmurava, havia algo sufocado em sua cerne. — Por que me odeia tanto?

— Não é óbvio? — Amis retrucou. — Você é uma bastarda!

Ela já havia ouvido a ideia algumas vezes, em vozes baixas, murmuradas, pelo castelo. Mas, até aquele momento, nunca percebeu o quanto aquilo importava ao homem que chamava de pai.

— Isso te dá o motivo para tratá-la com tamanha crueldade? — Erick parecia revoltado. — Como pode ser alguém tão...

— Uma bastarda? — A voz da esposa o interrompeu. — Quem é meu pai, então?

Aquela pergunta foi feita embargada pelas lágrimas. E o choro feminino era tudo que se ouvia no interior daquele salão.

— Ninguém nunca soube dizer quem foi o desgraçado — Amis murmurou.

— Não acredito nisso! Você — Evelyn chamou a atenção de Marris. Ele a encarou com o semblante complacente. — Você tudo sabe, não é?

— Tudo, creio que não, minha senhora. Mas, sobre os segredos desse castelo, conheço todos os detalhes.

Era a resposta esperada.

— Diga-me, quem é meu pai? — exigiu.

— Está de frente a ele, minha senhora — apontou para Amis.

Houve uma gargalhada irônica vinda de Amis.

— Não se faça de idiota! — O antigo senhor de Nunemesse ficou furioso. — Sabe bem...

— Sim, eu sei, meu senhor. Estou nesse castelo desde a tenra idade, e sei que a senhora Evelyn é sua filha. Sua única filha.

A frase fez Amis arregalar os olhos.

— É mentira.

— De jeito nenhum.

— Mas... Como? De que maneira?

— Da mais simples, meu senhor. Eu havia sido trazido ao castelo poucos meses antes de partir para sua viagem. Vi sua esposa na despedida. Ela subiu ao quarto e lá ficou, em prantos. Apenas eu, com cerca de doze anos, e a ama de confiança dela, já falecida, lhe faziam companhia, às vezes. Recordo-me da senhora Meire ficar muito feliz quando descobriu que estava grávida. Ela era muito leal à Mãe Terra, e sempre fazia suas rezas. Acreditou que estava recebendo uma graça. Além de mim, nenhum outro ser masculino cruzou pela porta em sua ausência.

— Por que nunca me disse isso? — Amis mal conseguiu questionar. As palavras saíram engasgadas.

— Sei que não se recorda, meu Lorde, mas fui levado ao seu castelo muito jovenzinho. Na época que o senhor passou a ficar aflito porque sua esposa não pegava barriga, arrumou algumas mulheres para levar para casas a fim de recebê-lo. Mas, elas também não ficavam grávidas. Então, o senhor deve ter pensado que precisava de uma mulher que comprovasse ser fértil. Foi assim que olhou para minha mãe. Como ela já era casada, matou meu pai, e depois me separou dela. Deixou-me no castelo, e ia vê-la. Estuprava-a repetidas vezes, até que um dia a matou também.

Amis sentiu como se todo o peso do passado estivesse ali, agora,

esmagando seus ombros.

— Sei que também não se recorda, mas quando voltou de viagem, eu ainda chorava por minha mãe. Fui eu que insinuei uma traição.

Com seus passos mancados, Evelyn se aproximou de Marris.

— E eu? O que te fiz? Por que transformou minha vida num inferno?

— Não me fez nada, minha senhora. Foi seu pai. Eu nunca afirmei uma traição, apenas a sugeri. Depois, apreciei vê-lo a desconfiar. Foi assim que passei a assistir sua derrocada. Prazeroso, devo confessar. Lorde Amis destruía o único fruto de sua semente. E, por fim, foi ele que me ordenou colocar folhas de um chá especial e servi-lo a senhora. Lorde Amis não feriu apenas a filha, mas também matou seu neto.

O grito agoniado não veio do velho, apesar de ele sentir-se afogado num pântano de desespero. Foi Erick que avançou contra Amis, no desejo de matá-lo. A ele e ao seu cúmplice.

Eles tinham que morrer!

— Não, meu irmão — Samantha o segurou. — A melhor vingança é deixá-lo ir.

As lágrimas masculinas cobriam os olhos confusos.

— Nunca!

— Expulse Marris — aconselhou. — Ele foi cúmplice. Ficou cego pela vingança, e feriu uma inocente. Agora tem que pagar. Mas, quanto a Amis, deixe-o voltar a sua casa. Ele vai morrer, mas não será você a manchar suas mãos com esse sangue sujo.

— Não basta! — Erick reclamou, entre soluços.

— Ele vai se matar, Erick — ela afirmou. — Vejo sua aura. Está sobre o aspecto da morte. Só lhe resta isso, agora. Mas, você e Evelyn serão felizes. Nunca esquecerão seu filho morto, é claro, mas terão outros que poderão acalmar suas dores. E serão afortunados porque merecem.

Nunca, até então, Erick desejou tanto mandar as favas uma ordem da irmã. Contudo, quando olhou para Evelyn e viu seu choro destruído percebeu que era o melhor a fazer.

Caminhou até ela. Segurou suas mãos entre as dele, levando aos lábios.

— Reconstruiremos nossas vidas. A eles, aos maus, só resta à desgraça

— disse-lhe, e ela assentiu.



Depois daquele dia, nunca mais viram Marris. Pouco tempo depois, chegou à informação de que Amis cortou a própria garganta.

Ninguém chorou sua morte.

Capítulo 16

S E N T I M E N T O

O verão havia sido quente, mas o inverno que chegara depois foi estranhamente gelado.

Não costumava nevar em Nunemesse, mas já nos primeiros dias da nova estação, gotículas de neve caíram do céu, cobrindo toda a área verde.

Por sorte, havia alimento estocado e o povo mantinha-se feliz e confiante em seu senhor.

Depois de um dia particularmente duro, ele entrou no quarto e o encontrou vazio. Tirou o casaco pesado, jogando-o sobre uma cadeira.

Foi quando olhou para a cama e viu algo confortador.

Um pequeno sapatinho de lã pousava sobre seu travesseiro.

Ele nem tentou conter as lágrimas enquanto segurava o pequeno pedacinho de tecido. A esposa surgiu atrás dele e lhe beijou no ombro.

— Obrigado — ele disse, e aquele agradecimento era do fundo do coração.

— Um recomeço — ela murmurou. — Dessa vez, dará certo. Eu sei que dará.

Não havia mais os maus a espreitá-los, na tentativa de destruí-los. Agora, havia apenas a vontade firme e determinante de fazerem, juntos, a reconstrução daquela família.

— Samantha me disse que é outro menino. Eu quero que você lhe dê o nome.

Erick a abraçou, beijando-a profundamente nos lábios.

— Será Vitor — afirmou. — Porque ele é um vencedor antes mesmo de nascer.

Ela sorriu.

— Não poderia haver nome melhor para o filho do Rei Águia.

O beijo trocado foi prenúncio de bons tempos.

A felicidade era algo a ser conquistado por quem merecia. E aquelas duas almas faziam jus a tal benção.

Epílogo

A SACERDOTISA ÁGUIA

Um ano depois...

À noite estava quente. Sentada na charrete da família, Samantha remexia o leque, tentando aliviar o suor que escorria pela lateral da testa.

— Que raiva, Brandon — resmungou.

Haviam brigado. Estavam brigando desde que ele resolvera ir até um feudo distante para participar das comemorações em homenagem ao deus sol.

Ele estava na idade de farrear, mas Samantha queria paz e descanso.

Naquela noite, ela se imaginou em Nunemesse, a brincar com o sobrinho recém-nascido. Ou, a beber chá com Evelyn. Contudo, estava ali, no meio do nada, com a charrete parada e o irmão indo aliviar sua tensão socando árvores ao longe.

Ouviu passos. Preparou-se para lhe dar um sermão, quando a porta se abriu e um homem grande e vigoroso surgiu diante dela.

Por puro instinto, segurou a faca que usava na cintura.

— Não me toque! — avisou. — Sou uma sacerdotisa consagrada à Mãe Terra.

O homem negou com a face, como se não se importasse. Segurou seu pulso, e então declarou.

— Sou Finn, da Casa de Keelin. Eu preciso de ajuda.

DEMAIS LIVROS DA AUTORA

Curta a página no facebook e conheça todos os livros.

<https://www.facebook.com/JosianeVeigaOficial>



Josiane Biancon da Veiga nasceu no Rio Grande do Sul. Desde cedo, apaixonou-se por literatura, e teve em Alexandre Dumas e Moacyr Scliar seus primeiros amores.

Aos doze anos, lançou o primeiro livro “A caminho do céu”, e até então já escreveu mais de vinte livros, dos quais, vários destacaram-se em vendas na Amazon Brasileira.

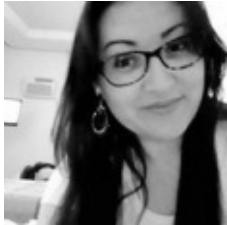


Table of Contents

[Dedicatória:](#)

[Nota da Autora:](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Epílogo](#)

[DEMAIS LIVROS DA AUTORA](#)